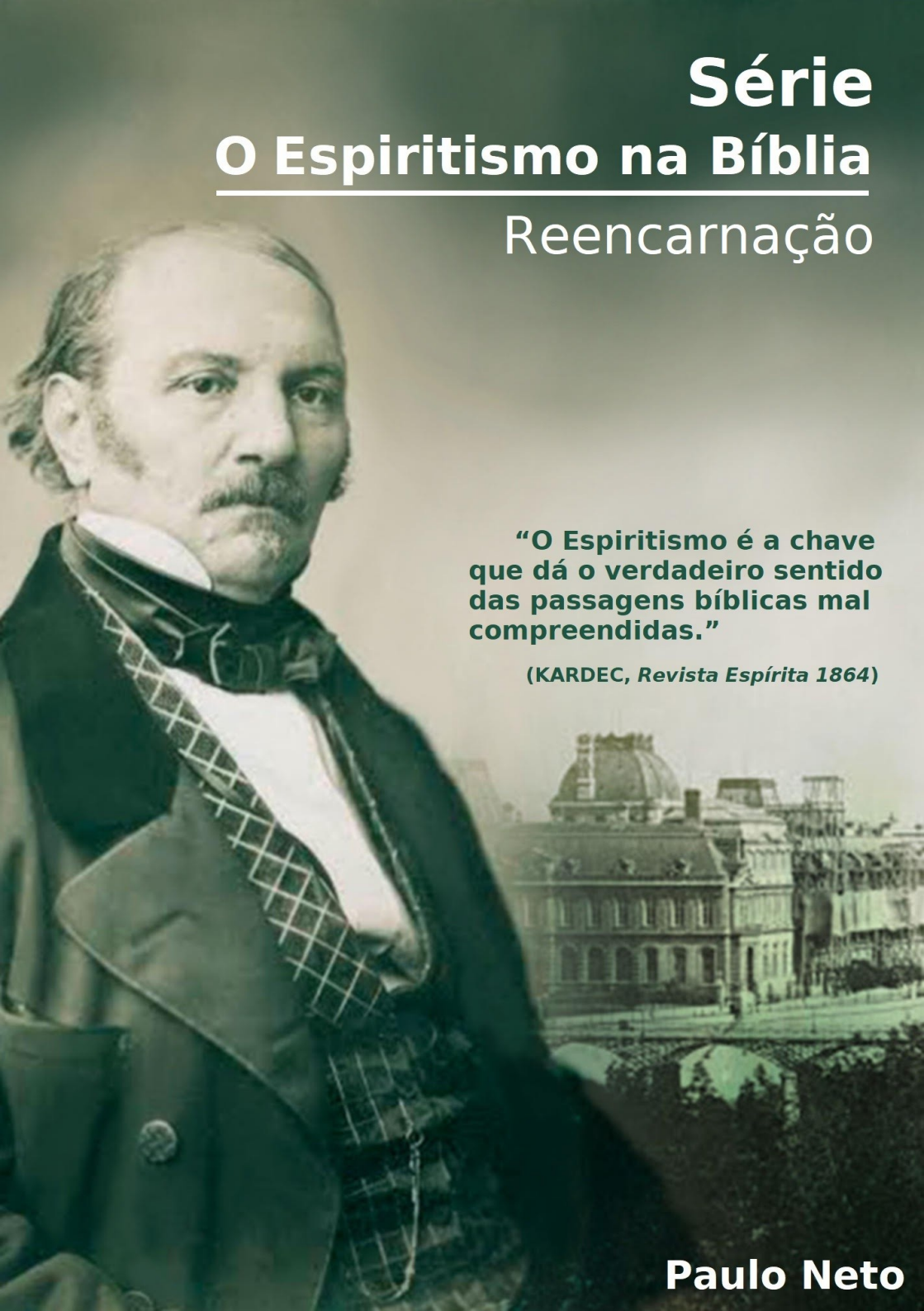
Série
O Espiritismo na Bíblia
Reencarnação



“O Espiritismo é a chave que dá o verdadeiro sentido das passagens bíblicas mal compreendidas.”

(KARDEC, *Revista Espírita 1864*)

Paulo Neto

Série O Espiritismo na Bíblia

1 – Anjos e Demônios

2 – Comunicação com os Mortos

3 – Evocação de Espíritos

4 – Imortalidade da Alma

5 – Influência dos Espíritos

6 – Mediunidade

7 – Reencarnação

8 – Imposição das mãos (O passe)

9 – A mulher

10 – Qual ressurreição: da carne, na carne ou é a do Espírito?

Série O Espiritismo na Bíblia

Reencarnação

“Nascer, morrer, renascer ainda,
progredir sem cessar tal é a lei.”

(Frase no túmulo de Allan Kardec)

Paulo Neto

Copyright 2020 *by*
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://vivreparis.fr/wp-content/uploads/2019/10/tombe-allan-kardec.jpg

Revisão:

João Frazão de Medeiros Lima

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, 14 de abril de 2020.

Índice

Prefácio.....5
Introdução.....8
O conceito de reencarnação.....19
Perguntas sem respostas.....22
Os judeus entre as nações.....27
No Judaísmo a reencarnação é aceita?.....35
O que podemos encontrar na Bíblia?.....43
1 – Reencarnação no Antigo Testamento.....48
2 – Reencarnação no Novo Testamento.....55
2.1 – João Batista era o profeta Elias reencarnado?.....82
2.2 – A pergunta de Jesus.....100
2.3 – O Cego de Nascença.....102
2.4 – O diálogo de Nicodemos com Jesus.....108
A seita dos fariseus.....113
O corpo da ressurreição será o espiritual.....115
Ressuscitar no corpo físico, pode?.....118
Tradutor, traidor.....120
Principais objeções dos biblicistas.....132
Conclusão.....148
Referências Bibliográficas.....152
Dados biográficos do autor.....157

Prefácio

As sínteses dialéticas têm um papel profundo na história como um todo. Desde o Evangelho do Cristo – composto dos erros e acertos da primeira revelação para se constituir, então, de um caráter universal – até o Espiritismo de Kardec – como a síntese dos conhecimentos hauridos pelo homem ao longo dos tempos. A reencarnação, por sua vez, surge como consequência lógica destas sínteses, onde a justiça de Deus evidencia-se, confirmando, em espírito e verdade, a sua bondade infinita.

O ebook ***Reencarnação***, de um espírito inquieto, incansável pela busca da verdade, aparece-nos como mais uma destas sínteses de luz e prova irrefutável de que (me apropriando de uma expressão muito usada pelo autor), “com olhos de ver”, a reencarnação está lá na bíblia.

A verdade não precisa de interpretações para que se desvele nem pode ser desconstruída por malabarismos teológicos. A verdade é sólida e una; a

verdade é luz e nem mesmo o obscurantismo do dogmatismo a apaga; a verdade não se perde no tempo e pela força das coisas sempre reaparece haja o que houver.

Nesta obra, encontramos a urgência da busca pela verdade do Cristo há muito perdida nos sistemas teológicos e no egoísmo dos líderes religiosos, mas que, como prometido, ressurge em Kardec. Dessa forma, se a reencarnação fosse um mero sistema, uma opinião, sujeita às idiossincrasias dos que a professam e professaram, fatalmente já teria sido esquecida e perdida, como tudo que forma a história dos vencidos.

No entanto, a reencarnação, dentro da unicidade daquelas sínteses, é um fato, demonstrável pelos homens de ciência, explicado em sua inteireza pela filosofia espírita, não apenas como um mecanismo fenomênico, mas também como a realidade última e infinita da evolução.

A morte então já não mais existe ou possui uma significação mais sublime; o homem, mais senhor de si, perde os seus medos e se esvaem suas

angústias.

A lei da reencarnação reafirma-se como o modelo ideal de justiça e bondade. Esta obra, como poucos, traz consigo esta noção de maneira mais exata e em suas linhas a imensa capacidade elucidativa do autor.

Por fim, à razão – e isto é uma característica muito forte desta obra, aliás, de todas as obras de Paulo Neto –, nos chama em suas intermináveis páginas, pois as verdadeiras e sinceras obras, não têm fim.

Túlio Luiz Santos

Introdução

A grande maioria dos religiosos das religiões tradicionais faz de tudo para tentar provar que a reencarnação não existe, pelo fato dessa palavra não constar em nenhum versículo da Bíblia, considerada por todos eles como sendo a inerrante palavra de Deus. Geralmente, tomam para justificar sua origem divina a seguinte passagem constante do Novo Testamento:

> 2 Timóteo 3,16-17: "***Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar****, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda boa obra.*" ([1])

Nas diversas Bíblias – cunho católico e protestante –, que pesquisamos nos surpreendemos com a instigante divergência do teor do trecho destacado. Para exemplificar, apresentamos as seguintes traduções:

Textos	Bíblias
“*Toda Escritura é inspirada por Deus é útil para instruir, [...].*”	Mundo Cristão, Novo Mundo, Santuário, Vozes, Ave-Maria e de Jerusalém (2002), do Peregrino e Pastoral; bem próximo: Shedd, de Jerusalém (1987) e TEB.
“*Toda Escritura divinamente inspirada, é útil para ensinar, [...].*	Barsa, Paulinas (1957, 1977 e 1980), SBB; bem próximo: STBB.
“*Toda Escritura, inspirada por Deus, é útil [...]*”.	Vulgata – trad. S. Jerônimo em latim. (cfe. Nota da Bíblia de Jerusalém, p. 2077).

Embora pareça que os textos sejam semelhantes, eles não dizem a mesma coisa, por conta da pontuação. E além disso o “divinamente inspirada” dá ideia de que há escrituras que não foram inspiradas pela divindade.

Por outro lado, podemos apresentar dois grandes problemas que nos surgem:

1º – Quando essa carta foi escrita, entendiam como “Escritura” somente a Bíblia Judaica, que, segundo o historiador hebreu Flávio Josefo (37-103 d.C.), possuía apenas 22 livros, que fazem parte do Antigo Testamento constante das Bíblias cristãs.

Vejamos como, em ***História dos Hebreus***, ele os cita:

> […] Temos somente **vinte e dois** que compreendem tudo o que se passou, e que se refere a nós, desde o começo do mundo até agora, e aos quais somos obrigados a prestar fé. **Cinco são de Moisés**, que refere tudo o que aconteceu até sua morte, durante perto de três mil anos e a sequência dos descendentes de Adão. **Os profetas** que sucederam a esse admirável legislador, escreveram em **treze outros livros**, tudo o que se passou depois de sua morte até o reinado de Artaxerxes, filho de Xerxes, rei dos persas e os **quatro outros livros**, **contêm hinos e cânticos** feitos em louvor a Deus e preceitos para os costumes. […] Nós os consideramos como divinos, chamamo-los assim; fazemos profissão de observá-los inviolavelmente e morrer com alegria se for necessário prová-lo. […]. ([2])

Mesmo considerando que essa quantidade de 22 livros, tenha alguns livros agrupados, conforme alegam os protestantes ao afirmarem que a sua lista confere com a de Josefo, sem que fosse apresentada alguma autorização divina para fazerem isso, ainda assim, existe divergência na quantidade de livros

que compõem as Bíblias cristãs, já que a Católica tem 46 livros, e a Protestante só 39 livros.

2º – Estudiosos modernos já não mais atribuem as duas cartas a Timóteo, como sendo de autoria de Paulo; o verdadeiro autor é, simplesmente, um desconhecido.

É certo que nós, os espíritas, não precisamos nos preocupar em demonstrar que a reencarnação está na Bíblia, pelo simples motivo de não ser ela, a Bíblia, a base dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita; dela tomamos os ensinamentos morais do Cristo e, também, sim, o que resulta das leis naturais criadas por Deus para reger tudo no Universo.

São oportunas estas duas falas de Allan Kardec (1804-1869), constante da ***Revista Espírita 1862***:

> 1ª) Mês de agosto, artigo “Carta do Sr. Jean Reynaud ao *Journal Des Dêbats*”:
>
> […] a ideia da reencarnação não é nova: é tão velha quanto o mundo e encontrada em autores antigos e modernos. **Aos que alegam ser ela contrária aos dogmas da Igreja, respondemos que uma de duas: ou**

existe a reencarnação, ou não existe. Não há alternativa. Se existe, é uma lei da natureza. Ora, se um dogma é contrário a uma lei da natureza, é preciso saber com quem está a razão. Quando a Igreja anatematizou e excomungou co mo culpados de heresia os que acreditavam no movimento da Terra, não impediu que a Terra girasse e que todo o mundo hoje creia nisso. Dar-se-á o mesmo com a reencarnação. Não é, pois, questão de opinião, mas questão de fato. **Se o fato existe, tudo quanto poderá dizer-se ou fazer-se não impedirá a sua existência e, mais cedo ou mais tarde, os recalcitrantes aceitá-lo-ão**. Deus não indaga de suas conveniências para regular a ordem das coisas e o futuro provará, mais cedo ou mais tarde, quem tem razão. ([3])

2ª) Mês setembro, artigo “Carta do Sr. Dombre a um pregador”:

Quanto à reencarnação, de duas, uma: ou existe, ou não existe não há meio termo. Se existe, é porque está nas leis da natureza. Se um dogma diz o contrário, trata-se de saber se a razão está com o dogma ou com a natureza, que é obra de Deus. **A reencarnação, pois, não é uma opinião, um sistema, como uma opinião política ou social, que podemos admitir ou impugnar: é um fato ou não é**. Se é um fato, por mais que contrarie o gosto de todo o mundo, nada do que digam o impedirá de ser um fato. ([4])

Portanto, para nós, os espíritas, o fato da palavra reencarnação estar ou não mencionada na Bíblia, a bem da verdade, não faz a menor diferença, porquanto ela existe como uma Lei divina natural e não como fundamento bíblico-teológico.

Quem sabe se o fato do Sol morrer à tardinha, para renascer glorioso no dia seguinte, se algumas árvores morrem depois de um rigoroso inverno, para exuberantes renascerem toda florida na primavera, se as lagartas fabricam seu casulo para neles morrerem, certas que reviverão não mais num corpo que as faziam se arrastarem pelo chão, mas em outro corpo que lhes proporcionará voar livremente pelos ares, tudo isso não seja Deus nos mostrando que estamos vinculados ao "*Nascer, crescer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.*" (frase no túmulo de Allan Kardec).

Provavelmente, uma pergunta nos farão: "Se é assim, por que, então, você está se preocupando com isso?" Nosso objetivo e preocupação é, em primeiro lugar, provar aos recém-chegados ao Espiritismo que a reencarnação é, sim, ensinamento bíblico e, em segundo, demonstrar aos ortodoxos

que vivem alegando não estar a reencarnação na Bíblia. (Que ela está lá, é algo tão claro que nos causa espécie ver que muitos não a enxergam; ou será que não querem enxergar?).

Há de se perguntar: a origem da crença dos Espíritas na reencarnação seria pelo fato dela ter vindo dos Espíritos Superiores? Da ***Revista Espírita 1858*** transcrevemos o seguinte trecho:

> […] Se nós, e tantos outros, **adotamos a opinião da pluralidade das existências, não foi somente porque ela nos veio dos Espíritos, mas porque nos pareceu a mais lógica**, e que só ela resolve as questões até agora insolúveis. **Se viesse de um simples mortal nós a adotaríamos do mesmo modo**, e não hesitaríamos antes em renunciar às nossas próprias ideias; do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar obstinando-se numa ideia falsa. Do mesmo modo, teríamos repelido, embora vinda dos Espíritos, se ela nos parecesse contrária à razão, como as repelimos muitas outras, porque sabemos, por experiência, que **não é preciso aceitar cegamente tudo o que vem de sua parte**, não mais do que vem da parte dos homens. ([5])

Foi, portanto, a lógica que norteou Allan Kardec a aceitar a reencarnação e não pelo fato dela ter vindo dos Espíritos. Aliás, diga-se de passagem, o Codificador nunca quis impor seu pensamento a ninguém, o que se pode comprar em ***O que é o Espiritismo***:

> O Espiritismo se dirige aos que não creem ou que duvidam, e não aos que têm fé e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é consequente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. […]. ([6])

Timothy Freke e Peter Gandy, autores de ***Os mistérios de Jesus***, disseram que "*É difícil acreditar que uma coisa que desde a infância nos foi dito ser verdade pode ser na verdade um produto de falsificação e fantasia*" ([7]), com o que, totalmente, concordamos. Um pouco mais à frente completam:

> É fácil acreditar que uma coisa deve ser verdade porque todas as outras pessoas acreditam que é. Mas a verdade muitas vezes só surge quando se ousa questionar o inquestionável, duvidar de noções que são

> vulgarmente consideradas verdade e tomadas por certas. ([8])

Exato; aquilo que for realmente verdadeiro não deixará de sê-lo porque alguém se atreveu a questionar, porquanto a verdade bem suportará isso e sairá incólume.

Um dos argumentos sempre utilizado contra nós é o de que não somos cristãos, pelo motivo de defendermos ensinamento que Jesus não nos passou, pois, para esses ortodoxos, que nos acusam, o Mestre jamais falou em reencarnação; o que, para nós, não é bem a verdade, como veremos no desenrolar desse estudo.

Não há dúvida de que a palavra reencarnação não aparece uma só vez na Bíblia, e disso argumentam que não poderíamos acreditar nela; agora, chegou a vez de trocarmos uma pela outra: a palavra Trindade não consta nela, e, no entanto, a grande maioria dos cristãos acredita no Deus trino. Será possível que se utilizam de “dois pesos e duas medidas”?

Entretanto, o curioso é que, na Bíblia, é muito

mais fácil achar a ideia da reencarnação do que algo que venha a confirmar a Trindade. Os passos utilizados para defender a crença na Trindade são:

> Mateus 28,19: "*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os* ***em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo***."
>
> 1 João 5,7-8: "*Porque há* ***três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo****, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra); o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só.*" ([9])

Estudiosos bíblicos têm-nas como acréscimos, por não constar de Manuscritos mais antigos. Inclusive, em Atos 10,48, se vê que os gentios foram batizados "*em nome de Jesus*", depois de terem recebido o Espírito Santo (Atos 10,44). Outras passagens em que o batismo também é feito "*em nome de Jesus*": Atos 2,38; 8,14-16 e 19,5.

Compare-se a versão de Marcos para a mesma narrativa de Mateus: "*Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura*". (Marcos 16,15), a falta aqui do "*batizando em nome do Pai, do Filho e o Espírito Santo*", parece confirmar que se trata

mesmo de um acréscimo. Além da divergência no teor, há também o fato de que, em Lucas e João, nada disso é mencionado.

Ademais a Trindade pode ser uma simples questão de aculturação de crenças pagãs de vários povos (SOUZA, 2007). Vejamos a comparação:

Egípcios: Osíris (pai); Ísis (mãe) e Hórus (filho).

Hinduísmo: Brama (pai); Shiva (mãe) e Vishnu (filho)

Cristianismo: Deus (pai); Espírito Santo (???) e Jesus (filho).

No cristianismo, os personagens são todos masculinos; portanto, nem mesmo seguiram o padrão comum, que é o de “pai, mãe e filho”, ou seja, uma família divina. Muito estranho, não?!

O conceito de reencarnação

Tomemos da obra ***Reencarnação baseada em fatos***, de autoria do suíço Dr. Karl E. Muller (1893-1968), laureado com o Prêmio Nobel de Física em 1987, a seguinte explicação:

> A palavra 'reencarnação' foi gradualmente aceita para transmitir a ideia da possibilidade de um espírito humano ou alma ter diversas vidas sobre a terra. **De acordo com o dicionário inglês *Shorter Oxford*, foi usada pela primeira vez em 1.858, sendo definida como ato de encarnar novamente**. Encarnar significa entrar na carne e reencarnar expressa o ato de entrar na carne outra vez. O ego humano separa-se do corpo físico após a morte e, após algum tempo, retorna a um corpo novo. O termo empregado na Grécia antiga era 'metempsicose', geralmente traduzido como a 'transmigração das almas'. É uma designação mais genérica, pois não é limitada pelo renascimento num corpo humano, mas inclui a ideia, então aceita, de que a alma poderia renascer também num animal ou vegetal. ([10])

É um fato singular que a palavra reencarnação tenha entrado pela primeira vez num dicionário no ano de 1858, exatamente um ano (no máximo) depois de Allan Kardec ter publicado, em 18 de abril de 1857, a obra *O Livro dos Espíritos*, na qual a utiliza. Pode-se, diante disso, creditar ao Codificador do Espiritismo a sua vulgarização.

Sobre quando o termo surgiu, o estudioso Astolfo Olegário de Oliveira Filho, na coluna "O Espiritismo Responde" de ***O Consolador, Revista Semanal de Divulgação Espírita***, informa-nos o seguinte:

> **Foi entre os séculos XVI e XVIII que surgiu, no Latim tardio, o termo erudito e acadêmico *reincarnatio*, *reincarnationis***, que, em seguida, passou para as línguas românicas e para o inglês. Em francês é "réincarnation". Essa informação pode ser conferida acessando-se o site http://www.latin-dictionary.net/definition/33192/reincarnatio-reincarnationis. ([11])

É importante deixar claro que Allan Kardec, seguindo instruções dos Espíritos superiores, não admitia a reencarnação da alma humana em corpos

de animais, porquanto “Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente”. ([12])

O que se admite é que o princípio inteligente, que hoje anima um ser humano, veio de uma evolução progressiva, passando pelo reino animal; porém, seu progresso é ascendente, nunca volta a um estágio anterior pelo qual já passou. Mas isso é uma outra história, que não é o momento de desenvolvermos aqui. Aos interessados recomendamos o nosso livro ***Alma dos Animais: Estágio anterior da alma humana?***, publicado pelo GEEC – Grupo Educação, Ética e Cidadania, de Divinópolis, MG. ([13])

Perguntas sem respostas

Há uma série de perguntas sem respostas, se levarmos em conta a vida ser única, ou seja, não existir reencarnações nas quais o espírito ou alma, como queiram, possa progredir em conhecimento e moralidade.

Uma delas é: se nossos espíritos são criados no momento do nascimento, nenhum conhecimento possuem; então, como explicar que até numa mesma família os filhos se tornam completamente diferentes uns dos outros, apesar de receberem dos pais a mesmíssima educação? Além disso, vê-se que muitas crianças não “morrem de amores” por um dos pais, o que nos leva a concluir que esse desamor foi algo que Deus colocou em seus corações. Um absurdo!

A genialidade é outra coisa que deixa embaraçados os antirrencarnacionistas, pois eles só podem explicá-la levando-se em conta que Deus estabelece privilégios, apesar desta afirmação em

contrário: “*Deus não faz acepção de pessoas*” (Atos 10,34, 15,9; Romanos 2,11, Gálatas 2,6, Efésios 6,9, Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17). É certo que alguns tentam explicá-la com a memória genética; entretanto, os fatos nos dão conta de que isso é pura falácia, já que pais gênios não transmitem a genialidade aos filhos, dado que muitos pais gênios têm filhos medíocres e vice-versa.

Como explicar a utilidade da vida para todas aquelas crianças que nascem com deficiência mental? Por que umas nascem cegas, aleijadas, idiotas, e as mais variadas doenças degenerativas, enquanto milhares de outras nascem perfeitas?

Questionamentos desse tipo não passaram despercebidos por Allan Kardec:

> Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que se caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma

existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º Donde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º Donde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? […].

[…].

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na

> infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida? ([14])

Por mais que se queira encontrar as respostas, para todos esses questionamentos, na crença da unicidade da vida, não se logrará êxito, pois jamais podemos deixar de levar em conta que Deus é justo e o que dá a um, certamente, dará a todos. A não ser que se apele para a famosa desculpa “mistérios de Deus”...

Os judeus entre as nações

A primeira nação sob a qual os judeus estiveram subjugados foi, segundo a Bíblia, o Egito; leiamos a informação:

> Êxodo 12,40-41: "***A estada dos israelitas no Egito durou quatrocentos e trinta anos***. *No mesmo dia em que findavam os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de Iahweh saíram do país do Egito.*"

Não temos nenhuma dúvida de que seria completamente improvável que um povo totalmente subjugado a outro, pelo período de quatrocentos e trinta anos, perto de dez a doze gerações, considerando a perspectiva de vida da época, não absorvesse parte da cultura daquele que o dominava.

É importante vermos se os egípcios acreditavam ou não na reencarnação, uma vez que isso é primordial para nosso estudo, pois comprovará que, além de ser uma crença muito antiga, os

hebreus tiveram contato bem de perto com ela.

Recorreremos ao Dr. Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003), que foi um dos poucos que, no Brasil, se dedicou à pesquisa sobre a reencarnação, que, em sua obra ***Você e a reencarnação***, nos apresenta informações sobre a cultura do povo do Egito antigo:

> O livro de Fontane, sobre o Egito, menciona uma referência ainda mais antiga da palingênese (3.000 a.C.):
>
> "**Antes de nascer a criança já viveu**; e a morte não é o fim. **A vida é um evento que passa como o dia solar que renasce.**" (Müller, 1970, p. 21). ([15])

Observe, caro leitor, a data mencionada – 3.000 anos a.C. –, prova a antiguidade dessa crença; portanto, não é algo novo criado pelos espíritas. Informamos: "*palingenesia* (ou palingênese) que etimologicamente provém do grego: *palin* = de novo e *gignomai* = gerar, isto é: novo nascimento" ([16]).

Se "*antes de nascer a criança já viveu*" estamos falando de reencarnação, na qual é fator

importante a preexistência do Espírito, princípio que daqui já se pode, seguramente, concluir, porquanto o "já viveu" se refere a uma vida antes do nascimento. Pela afirmativa de que "*a morte não é o fim*", podemos ver a afirmação de que a alma é imortal.

Por outro lado, a comparação com o Sol é bem interessante, pois a semelhança "de nascer e morrer" todos os dias nos dá uma ideia do que, exatamente, nos ocorre na reencarnação, ou seja, na essência, somos espíritos e por isso a nossa vida é única, apesar de nascermos e morrermos milhares de vezes, ou melhor, enquanto for necessário para atingirmos a perfeição possível a uma criatura de Deus.

Dessa obra do Dr. Hernani podemos ainda citar:

> O sacerdote *Manethon* afirmava que a reencarnação era também dogma fundamental da religião egípcia. O *Papiro Anana* (1.320 a.C.) diz o seguinte:
>
> "**O homem retorna à vida várias vezes**, *mas não recorda de suas prévias existências, exceto algumas vezes em um sonho, ou como um pensamento ligado a*

algum acontecimento de uma vida precedente. Ele não pode precisar a data ou o lugar desse acontecimento, apenas nota serem-lhe algo familiares. No fim, todas essas vidas ser-lhe-ão reveladas." ([17])

A reencarnação, como dogma fundamental da religião egípcia, é algo que nem imaginávamos ser um importante fator cultural dos egípcios.

De tudo que encontramos, no teor desse papiro, o que mais se aproximou do que na Doutrina Espírita se advoga a respeito da reencarnação, foram as seguintes coisas: esquecimento do passado, lembrança de outras vidas em sonho, *déjà vu*, as experiências reencarnatórias como patrimônio do Espírito que serão conectadas na época propícia.

Ramses Seleem, mestre e doutor em História Egípcia, apresenta na obra ***O Livro dos Mortos do Antigo Egito***, transcrições de alguns papiros, entre os quais o de Hunefer e de Ani. Delas retiramos, por oportuno, os seguintes trechos:

a) Os **Papiros de Hunefer** (Hunefer foi escriba oficial e contador do Rei Maat-Men-Ra (Seti I), escrito por volta de 1.400 a.C.)

"**A verdade manifesta-se pelas**

reencarnações.” (item 31 da Prancha 8). ([18])

b) Papiro Ani (escrito por volta de 1.200-1.500 a.C.)

No papiro de Ani, (o chefe dos escribas do faraó Seti I) diz:

> “[…] **Os homens não vivem apenas uma vez** e depois desaparecem para sempre; **vivem inúmeras vidas em diferentes lugares, mas nem sempre neste mesmo mundo**, e em meio a cada vida, há um véu de sombras. As portas finalmente se abrirão e veremos todos os lugares que nossos pés percorreram desde o princípio dos tempos. […].” ([19])

Fantástica a afirmação de que “A verdade manifesta-se através das reencarnações”; mais retumbante do que essa, não encontraremos.

A novidade no Papiro Ani é que se admite reencarnações em outros mundos. Na Doutrina Espírita temos a informação de que podemos, sim, reencarnar em outros planetas. Seguindo paralelamente à nossa evolução moral e espiritual, habitaremos planetas compatíveis com essa evolução conquistada, no decorrer de nossas reencarnações, tal e qual um aluno que, depois de

ter concluído o ensino médio, desejando evoluir, vai para um estabelecimento de ensino superior, por lhe ser o compatível com o nível de conhecimento. E depois, se quiser evoluir ainda mais, continua estudando extracurricularmente, como os bons profissionais o fazem.

Aqui, nesse tópico, fica demonstrada a crença dos egípcios na reencarnação, bem próxima das particularidades que, hoje, nós, os espíritas, vemos nela. E o fato dos hebreus, conforme dissemos, terem vivido por mais de quatro séculos nesse ambiente, leva-nos a supor que, facilmente, beberam nessa fonte.

Outros povos, que nos interessam nesse estudo, aos quais os judeus ficaram subjugados ([20]), foram: Babilônios de 586 a 538 a.C. (primeiro exílio); Persas de 538 a 333 a.C.; Gregos de 332 a 142 a.C. e Romanos de 63 a.C. a 313 d.C.

Provavelmente todos esses povos exerceram influência cultural sobre os judeus; entretanto, o que mais particularmente queremos apontar são os gregos. Em ***História dos Hebreus***, temos a

seguinte informação do historiador Flávio Josefo: “[...] abracei a seita dos fariseus, que se aproxima mais que qualquer outra da dos estoicos, entre os gregos.” ([21])

Diante dessa afirmação de Josefo, cabe-nos, agora, descobrir o que pensavam os estoicos. Do artigo ***Reencarnação: processo universal de aplicação da Justiça Divina***, autoria de Jorge Hessen, temos a seguinte informação:

> […] Vejamos o apologista e historiador Lactâncio, no século IV, expressando pensamento dos seus contemporâneos cristãos: “**Os pitagóricos e estoicos afirmavam que a alma não nasce com o corpo. Antes, eles dizem que ela foi introduzida no mesmo e que migra de um corpo para outro**.” ([22])

Temos aqui a confirmação da possibilidade dos judeus terem absorvido a cultura grega, especificamente, dos estoicos que acreditavam que a alma “migra de um corpo para outro”, que não é outra coisa senão aquilo que entendemos por reencarnação.

Se essa crença não fosse generalizada entre os judeus, por lógica, não haveria razão para acreditarem que Jesus pudesse ter sido algum personagem bíblico do passado: Elias, Jeremias ou algum dos profetas (Mateus 16,14).

No Judaísmo a reencarnação é aceita?

Seguindo em frente, será de bom alvitre demonstrarmos que no judaísmo também se acredita na reencarnação.

Russell Norman Champlin (1933-2018) e J. M. Bentes, falando sobre a reencarnação, no pensamento hebreu, em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5***, nos informam:

> É perfeitamente possível que aquela indagação feita por Jó: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14), tenha sido uma especulação quanto à possibilidade da reencarnação. Não encontramos provas quanto a essa hipótese, entretanto. **Mas os escritores místicos da Cabala dos judeus ensinavam claramente o conceito da reencarnação**. A palavra “Cabala” significa “receber”, e se refere à tradição mística. É obscura a origem desse sistema. Porém, encontram-se evidências sobre temas cabalísticos, tanto na teosofia especulativa quanto na taumaturgia prática, na literatura apócrifa e apocalíptica dos hebreus, evidências essas abundantes na *literatura*

talmúdica e midrâshica. O desenvolvimento dos escritos cabalísticos prolongou-se por certo número de séculos. Ao longo do processo, foram sendo incorporados elementos provenientes do gnosticismo, do neoplatonismo e do neopitagoreanismo (e, quiçá, do zoroastrismo e do sufismo). De 550 a 1000 d. C., a Cabala passou por um desenvolvimento sistemático. O seu mais significativo volume veio a ser o Zohar, divulgado por Moisés de Leão, em 1200. Com o advento do Zohar, o estudo da Cabala propagou-se entre as massas populares, pelo que essa forma de misticismo deixou de ser uma doutrina privada, mas tornou-se largamente difundida. A Cabala jamais sentiu a restrição da "letra que mata", e a Bíblia passou a ser interpretada não apenas literalmente, mas também, alegoricamente, homileticamente, e mesmo misticamente.

Antes do desenvolvimento formal da Cabala o judaísmo passou a contar com alguns elementos que foram os proponentes da ideia da reencarnação. Josefo revela-nos claramente que as escolas dos fariseus, em seus dias, ensinavam tal doutrina. Os teólogos-filósofos judeus diretamente influenciados pelo platonismo, como Filo (30 a.C.-50 d.C.) faziam da reencarnação uma parte importante dos seus sistemas. É provável que o neoplatonismo tenha exercido influência sobre os fariseus da época de Jesus, bem como sobre o desenvolvimento

> dos escritos cabalísticos, pelo menos até certo ponto. Deveríamos acrescentar, entretanto, que, excetuando o caso dos estudiosos da Cabala, o conceito da reencarnação nunca produziu qualquer efeito duradouro sobre o pensamento judaico. ([23])

Socorre-nos, ainda, o escritor Severino Celestino da Silva que, em ***Analisando as Traduções Bíblicas***, ao se referir à crença dos hebreus, cita a seguinte fala do Rabino Arieh Kaplan: "*Não é possível entender a Cabalá sem acreditar na eternidade da alma e suas reencarnações*" ([24]).

Cabala ou Cabalá como alguns a escrevem, segundo o dicionário ***Houaiss***, significa:

> Sistema filosófico-religioso judaico de origem medieval (sXII-XIII), mas que integra elementos que remontam ao início da era cristã [Compreende preceitos práticos, especulações de natureza mística, esotérica e taumatúrgica; afirma que o universo é uma emanação divina, tendo grande importância a interpretação e deciframento dos textos bíblicos (Antigo Testamento).]

Na entrevista *Conceitos do Judaísm*o, publicada

pela revista ***Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo***, os autores Victor Rebelo e Érika Silveira fornecem outra fonte que vem corroborar essa crença, que é o Prof. Abrão Bernardo Zweiman, presidente de uma sinagoga localizada no bairro Bom Retiro, em São Paulo (SP), administrador dos cemitérios israelitas de São Paulo e diretor das Faculdades Renascença, respondendo à pergunta: "**Então, para os judeus, existe a reencarnação?**" disse-lhes:

> **Acreditamos na reencarnação** e, também, na ressurreição dos mortos. **Sob a ótica do judaísmo, a reencarnação não tem um momento preciso que conheçamos, mas entendemos que a alma, durante sua existência, passa por um estado de aperfeiçoamento eterno**. Passar pelo mundo terreno para adquirirmos experiências das coisas, sentimentos, valores e sensações físicas **é necessário para nosso aperfeiçoamento e nossa aproximação de Deus**. Agora, ressurreição dos mortos é algo que viria estritamente com a chegada do Messias, seria o momento em que todos os mortos se reergueriam de suas sepulturas. Explicando melhor, parte dessas almas retornaria para dar vida aos corpos de que se utilizaram.

> Segundo os conceitos judaicos, a alma poderia estar reencarnada, entretanto, na chegada do Messias, ela animaria todos os outros corpos pelos quais já passou. Acreditamos ainda que a alma não é simplesmente humana, o que significa que, em **um estágio anterior, ela pode ter vivido em outros reinos, como o mineral, o vegetal ou o animal, podendo reanimá-los também**. ([25])

Bem definida a reencarnação como algo que “é necessário para nosso aperfeiçoamento e nossa aproximação de Deus”, exatamente de conformidade com o que acreditamos no Espiritismo. E, aproveitando o momento, é interessante ressaltar que, para nós, os espíritas, reencarnamos não para pagar, mas para evoluirmos e nos aproximarmos de Deus, conforme o que também se pensa a respeito no judaísmo, segundo nos informa o Prof. Abrão Bernardo.

Quanto ao estágio anterior da alma, no Espiritismo aceita-se que o princípio inteligente evolui através de experiências em outros reinos da natureza, especialmente, o reino animal. Entretanto, como dito, o princípio inteligente, uma vez animando

um ser humano, não mais voltará a condições anteriores, porquanto, isso seria retrogradar.

Não podemos deixar de demonstrar que, bem próximo à época em que Jesus viveu, encontraremos a crença na reencarnação como fazendo parte do dia a dia dos judeus, se não de todos eles, pelo menos de um grupo de suas três correntes religiosas – saduceus, fariseus e essênios. Vejamos, o que nos informou o Dr. Hernani Guimarães, na obra ***Você e a Reencarnação***:

> *Flavius Josephus* (37 a 103 a. D.), intelectual e historiador judeu que, em sua famosa obra *De Bello Judaico*, faz a seguinte advertência aos soldados que preferiam desertar, suicidando-se:
>
> > "Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem no mais humilde dos lugares celestiais, e que **no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes**? Mas que as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior? (Josephus, 1910)." ([26])

Na obra ***História dos Hebreus***, vamos encontrar Flávio Josefo falando dos fariseus, grupo ao qual pertencia, afirmando que:

> Eles julgam que as almas são imortais, que **são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas** segundo foram neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que **outras voltam a esta**. ([27])

Percebe-se que a reencarnação, nessa visão, seria um prêmio aos virtuosos, enquanto que a pena das almas dos viciosos era a de ficarem retidas prisioneiras no outro mundo, o que, certamente, difere da forma em que na Doutrina Espírita se vê isso.

Confirmando a crença na reencarnação dos judeus contemporâneos de Jesus, podemos citar algumas passagens dos Evangelhos, nas quais se vê que pensavam que o Mestre poderia ser João Batista, Elias, Jeremias ou alguns dos profetas (Mateus 16,13-14, Marcos 6, 14-15; 8,27-28-, Lucas 9,7-8, 18-19).

Isso prova que os judeus acreditavam, sim, na

reencarnação, pois, excetuando-se João Batista, por ter sido contemporâneo de Jesus, todos os outros personagens mencionados somente via reencarnação poderiam animar o corpo de Jesus, cujo pai e mãe todos conheciam. Tem que ser muito cego para não ver isso!

Em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5***, Champlin e Bentes, também confirmam isso ao falarem sobre a reencarnação no pensamento cristão:

> **Nas páginas do Novo Testamento existem diversas referências que quase certamente refletem a crença na reencarnação, por parte dos judeus, nos dias de Jesus, bem como por parte de certos primitivos cristãos**. Essa ideia, entretanto, não penetrou no sistema como um dogma. (Informação sobre a reencarnação, artigos das enciclopédias, *Britannica*, *Americana* e *Encyclopedia* of *Religion*, Vergilius Ferm, editor). ([28])

Sigamos em frente.

O que podemos encontrar na Bíblia?

Munido dessas informações, vamos, a partir de agora, ver o que se encontra na Bíblia sobre a reencarnação. Podemos observar, como será demonstrado, que, além da reencarnação, mais três princípios, a ela relacionados e defendidos pelo Espiritismo, estão nela. São eles:

1º) a preexistência;

2º) a lei de causa e efeito; e

3º) a lei do progresso.

Trazemos, na sequência, para justificá-los, vários passos bíblicos, nos quais faremos destaques em negrito, visando chamar a atenção do trecho em que se evidenciam esses princípios:

1º) Preexistência

> Tobias 6,18: *"[...] Antes de se unir a ela, levantem-se os dois e rezem, pedindo ao Senhor do céu que tenha misericórdia e proteja vocês. Não tenha medo.* ***Ela foi destinada a***

***você desde a eternidade**, e você é quem vai salvá-la."*

Salmos 51,7: "*Eis que eu **nasci na culpa**, e minha mãe já me concebeu pecador."*

Eclesiastes 3,15: "***O que existe, já havia existido**; o que existirá, já existe, e Deus procura o que desapareceu*."

Sabedoria 8,19: "*Eu era um jovem de boas qualidades e tive a sorte de ter uma boa alma, ou melhor, **sendo bom, vim a um corpo sem mancha***."

Isaías 49,1: "*Nações marinhas, ouvi-me, povos distantes, prestai atenção: o Senhor **chamou-me antes de eu nascer**, desde o ventre de minha mãe ele tinha na mente o meu nome."* ([29])

Jeremias 1,4-5: "*Recebi a palavra de Javé que me dizia: '**Antes de formar você no ventre de sua mãe, eu o conheci**; antes que você fosse dado à luz eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações'."*

João 8,58: "J*esus respondeu: 'Eu garanto a vocês: **antes que Abraão existisse, eu sou***'".

João 17,5: "*E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, como **a glória que eu tinha junto de ti antes que o mundo existisse***".

Efésios 1,3-4: “*Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo: Ele nos abençoou com toda bênção espiritual, no céu, em Cristo.* ***Ele nos escolheu em Cristo antes de criar o mundo para que sejamos santos e sem defeito diante dele****, no amor*.”

2º) Lei de Ação e reação

Levítico 24,20: “*Se alguém ferir o seu próximo, deverá ser feito para ele aquilo que ele fez para o outro: fratura por fratura, olho por olho, dente por dente.* ***A pessoa sofrerá o mesmo dano que tiver causado a outro***.”

Jó 4,8: “*Eu vi bem:* ***aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que os colhem***”.

Jó 5,7: “***E o homem gera seu próprio sofrimento****, como as faíscas voam para cima.*”

Jó 34,11: “***Deus paga ao homem conforme as suas obras*** *e* ***retribui a cada um conforme a sua conduta***.”

Mateus 16,27: “*Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então* ***retribuirá a cada um segundo suas obras***.”

Mateus 26,52: “*Jesus, porém, lhe disse:*

'*Guarde a espada na bainha. Pois* ***todos os que usam a espada, pela espada morrerão***'."

João 5,14: "*Você ficou curado.* ***Não peque de novo, para que não lhe aconteça alguma coisa pior***." (ao doente que se encontrava deitado numa cama há trinta e oito anos).

João 8,34: "J*esus respondeu: 'Eu garanto a vocês:* ***quem comete o pecado, é escravo do pecado***'."

2 Coríntios 5,10: "*De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que* ***cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo****, tanto para o bem, como para o mal*".

2 Coríntios 9,6: "*Saibam de uma coisa:* ***quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher, quem semeia com generosidade, com generosidade há de colher***."

Gálatas 6,7: "*Não se iludam, pois com Deus não se brinca:* ***cada um colherá aquilo que tiver semeado***."

3º) Lei do Progresso

Mateus 5,48: "*Portanto,* ***sejam perfeitos***

como é perfeito o Pai de vocês *que está no céu.*"

Efésios 4,13: "***A meta é*** *que todos juntos nos encontremos unidos na mesma fé e no conhecimento do Filho de Deus, para* ***chegarmos a ser o homem perfeito*** *que,* ***na*** *maturidade do seu desenvolvimento, é a* ***plenitude de Cristo***."

Mateus 11,11: "*Em verdade vos digo que,* ***entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, no entanto, o menor no Reino do Céus é maior do que ele***."

João 16,12-13: "***Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar****. Quando vier o Espírito da Verdade, ele encaminhará vocês para toda a verdade, porque o Espírito não falará em seu próprio nome, mas dirá o que escutou e anunciará para vocês as coisas que vão acontece*r."

Certamente que, em alguns dos passos acima, cada um dos princípios a eles relacionados, podem não estar muito claro para quem não acredita na reencarnação; porém, aos que nela creem é fato evidente.

Em ***Sabedoria do Evangelho. Vol. 3***, vejamos a explicação de Carlos Torres Pastorino (1910-1980) para Mateus 11,11:

> Os gnósticos distinguiam dois graus de evolução: os “nascidos de mulher” ou “filhos de mulher” e os “filhos do homem”.
>
> Os “filhos de mulher” são os que ainda estão sujeitos à reencarnação cármica, obrigados a renascer através da mulher, sejam eles involuídos ou evoluídos. Neste passo declara Jesus que dentre todos os que estão ainda sujeitos inevitavelmente ao kyklos anánke (ciclo fatal) da reencarnação, o Batista é o maior de todos. ([30])

Especificamente, em relação à reencarnação, achamos melhor, por julgarmos mais didático, separá-la entre os textos do Antigo e do Novo Testamento.

1 – Reencarnação no Antigo Testamento

Vejamos algumas passagens que nos remetem à ideia da reencarnação, embora, também aqui, algumas vezes, pode não ser algo muito claro para os antirreencarnacionistas.

> Êxodo 34,6-7: “*Iahweh! Iahweh... Deus de ternura e de piedade, lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade; que guarda sua graça a milhares, tolera a falta, a transgressão e o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos* ***até*** *a terceira e a quarta geração.*” ([31])

Como admitir um “Deus de ternura e de piedade” castigando quem não cometeu o crime? Que justiça avessa é essa? É totalmente fora de propósito alguém ser penalizado pelo erro de outro; nem a justiça humana, sabidamente falha, aplica tal dispositivo; que dirá da divina...

É importante temos este texto pelo que consta na Torá:

> Êxodo 34,6-7*: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos,* **sobre** *terceiras e quartas gerações.”* ([32])

Observe, caro leitor, que na Torá, da qual se

originaram as Bíblias cristãs, encontramos o termo “sobre”, que muito bem pode ser entendido como “na” e não “até”, como querem nos fazer crer os tradutores bíblicos.

Esse passo pode até não “falar” sobre reencarnação; entretanto, com uma capciosa mudança da preposição, buscou-se retirar dela qualquer coisa que pudesse identificar a essa crença. (É sinal que viam nela a ideia da reencarnação). Estamos falando da preposição “**na**” do texto latino de S. Jerônimo (340-420) – Vulgata ([33]) –, alterado para “**até**” na tradução. É importante confirmarmos essa mudança, para isso transcrevemos apenas o versículo 7, já que é o que nos interessa:

> Êxodo 34,7: “*qui custodis misericordiam in milia qui aufers iniquitatem et scelera atque peccata nullusque apud te per se innocens est qui reddis iniquitatem patrum in filiis ac nepotibus **in** tertiam et quartam progeniem.*” ([34])

Utilizando-se a preposição “na”, o texto nos abre hipótese para a reencarnação, pois a justiça divina atingirá ao próprio infrator, que reencarnará

na terceira ou na quarta geração, ou seja, como seu próprio bisneto ou trineto. Aliás, seguramente, ele pode vir até mesmo como seu próprio neto; vai depender do espaço de tempo entre a sua morte e o nascimento desse futuro descendente.

Os que mudaram a preposição “na” para “até”, não foram bastante espertos para evitar que essa mudança não causasse conflito com outra passagem, qual seja:

> Deuteronômio 24,16: “*Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos em lugar dos pais.* ***Cada um será executado por seu próprio crime***.”

Na verdade, acreditamos que o teor de Êxodo 34,7 coloca em evidência a mudança realizada na preposição, certamente visando “apagar” qualquer vestígio que pudesse levar à crença na reencarnação. Aqui, em Deuteronômio 24,16, a justiça se expressa de forma lógica, ou seja, o próprio infrator é quem sofre a pena. Aliás, essa ideia da responsabilidade individual pode também ser vista em fala dos profetas:

Jeremias 31,29-30: “*Nesses dias já não se dirá: Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos embotaram. Mas cada um morrerá por sua própria falta.* ***Todo homem que tenha comido uvas verdes terá os dentes embotados***.”

Ezequiel 18,20: “*Sim, a pessoa que peca é a que morre! O filho não sofre o castigo da iniquidade do pai, como o pai não sofre o castigo da iniquidade do filho:* ***a justiça do justo será imputada a ele, exatamente como a impiedade do ímpio será imputada a ele***.”

Em 2 Reis 14,6 e 2 Crônicas 25,4 narra que Amasias, rei de Judá, não matou os filhos dos assassinos de seu pai, “[...] *em obediência ao que está escrito no livro da Lei de Moisés, onde Iahweh ordenou:* Os pais não serão mortos por causa dos seus filhos, nem os filhos serão mortos por causa dos pais; mas cada um morrerá por seu próprio crime.”, que é exatamente o Deuteronômio 24,16.

Vejamos as passagens seguintes:

1 Samuel 2,6: “*É Iahweh quem faz morrer e viver,* ***faz descer ao Xeol e dele subir***.”

Salmo 30,4: "*Iahweh, tiraste minha vida do Xeol,* ***tu me reavivaste dentre os que descem à cova***."

Salmo 49,15-16: "*São como o rebanho destinado ao Xeol, a morte os leva a pastar, os homens retos os dominarão. Pela manhã sua imagem desaparece; o Xeol é a sua residência. Mas* ***Deus resgatará a minha vida das garras do Xeol, e me tomará***".

Salmo 71,20-21: "*Fizeste-me ver tantas angústias e males, t****u voltarás para dar-me vida, voltarás para tirar-me dos abismos da terra****, aumentarás minha grandeza, e me consolarás de novo.*"

Salmo 86,12-13: "*Eu te agradeço de todo o coração, Senhor meu Deus, darei glória ao teu nome para sempre, pois é grande o teu amor para comigo:* ***tiraste-me das profundezas do Xeol***."

Esses passos nos quais constam a palavra xeol (= abismos) se justifica, pois, para os judeus, a crença era a de que todos os mortos iriam para lá. Ora, se Deus "resgata" ou "tira" alguém dele não é de todo impróprio acreditar ser apenas pela via da reencarnação, quando dá-lhe nova vida, levando-se em conta que eles acreditavam que os virtuosos

voltariam a um novo corpo. Sabemos ser difícil a um crente, contrário à reencarnação, aceitar isso; mas o que se há de fazer, não é mesmo? Valendo-nos de Jesus, diremos: "*Quem tiver ouvidos, ouça.*" (Mateus 11,15).

O profeta Malaquias, que viveu cerca de 400 a.C., faz uma previsão da volta de Elias, profeta que viveu no tempo de Acab, rei de Israel (873 a 854 a.C.), da seguinte forma:

> Malaquias 3,1.23-24: "***Eis que enviarei o meu mensageiro*** *para que prepare um caminho diante de mim. Eis que vos* ***enviarei Elias, o profeta****, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema.*"

Este livro é o último que consta do Antigo Testamento. A profecia de que Elias teria outra reencarnação será confirmada, quando, a seguir, estivermos estudando os passos do Novo Testamento.

2 – Reencarnação no Novo Testamento

É certo que não encontraremos a palavra reencarnação no Novo Testamento; aliás, em parte alguma da Bíblia, conforme já falamos; porém, há uma palavra que contextualmente dará a ideia de voltar a viver num novo corpo, que não é outra coisa senão o que entendemos por reencarnar. Por isso é necessário que, antes, vejamos o significado da palavra “ressurreição”, já que é ela que aparece nos textos bíblicos.

Diz-nos o ***Aurélio*** que ressurreição significa:

> S. f. 1. **Ato ou efeito de ressurgir ou ressuscitar; ressurgência**. 2. Rel. Festa católica comemorativa da ressurreição de Cristo, ao terceiro dia após a morte: 3. Fam. Cura surpreendente e imprevista. 4. Fig. Vida nova; renovação, restabelecimento. 5. Quadro que representa a ressurreição de Cristo. 6. Rel. **Na doutrina cristã, o surgir para uma nova e definitiva vida, distinta e, em certa medida, oposta à existência terrestre, e que, a partir da ressurreição de Cristo, aguarda todos os fiéis cristãos**.

Nada nos faz crer que somente os cristãos

ressuscitarão, conforme se deduz dessa explicação; certamente, quem acredita nisso está “viajando na maionese”, usando-nos de uma expressão popular. Comungamos com “ressurreição para todos” que é a doutrina pregada por Cristo, que tem caráter universalista, e que todos os seres humanos podem se valer dela para sua evolução pessoal.

Segundo esse mesmo dicionário, ressuscitar significa:

> V.t.d. 1. Fazer voltar à vida; reviver, ressurgir. 2. Restaurar, renovar, reproduzir: V. int. 3. Voltar à vida; tornar a viver; reviver, ressurgir. 4. Tornar a surgir; reaparecer, ressurgir: 5. Escapar de grande perigo.

Então, podemos concluir que ressurreição é a ocorrência que faz voltar à vida, tornar a viver ou reviver, quem passou pelo momento da morte física. Nesse conceito, mais abrangente, podemos também considerar como ressurreição a volta do Espírito à sua condição anterior no plano espiritual, ou seja, estamos falando da ressurreição do Espírito.

Vamos pesquisar nos textos bíblicos para ver o

que entendiam os judeus com o termo “ressuscitar”, uma vez que, numa análise mais coerente, é preciso levar em conta o que essa palavra significava à época e não como hoje a entendemos. Encontramos os seguintes significados:

1º) a alma voltar à vida espiritual;

2º) a volta de uma alma influenciando uma pessoa viva;

3º) voltar a viver no mesmo corpo;

4º) voltar a viver em um novo corpo (= reencarnação).

Não temos conhecimento de que algum teólogo defenda essa tese, que, conforme ainda veremos, está evidente nos textos bíblicos.

Vejamos como esses significados são facilmente identificados nos textos bíblicos, constantes do Novo Testamento.

a) A alma voltar à vida espiritual

Primeiramente, é oportuno indagar: Qual foi a ressurreição pregada por Jesus: a da carne ou a do

Espírito?

Para responder essa questão é bom vermos o que Jesus respondeu aos saduceus, negadores da ressurreição, sobre uma mulher que, para cumprir a lei mosaica, comumente chamada de levirato, teve que se casar com os sete irmãos. A dúvida deles era: quando da ressurreição, ela seria mulher de qual dos irmãos? A isso respondeu Jesus:

> Lucas 20,34-36: *"As pessoas deste mundo se casam. Contudo, as que são julgadas dignas de ter parte naquele mundo e na ressurreição dos mortos, lá não se casam. E já não podem morrer outra vez, porque* ***são iguais aos anjos*** *e filhos de Deus, sendo participantes da ressurreição."*

Se na ressurreição dos mortos todos "são iguais aos anjos", isso significa que, após a morte, todos se tornarão seres espirituais; daí não se justificar mais o casamento, que é coisa para os que possuem corpos materiais. Não há dúvida, portanto, de que a pregação de Jesus era a da ressurreição espiritual.

Ademais se Jesus disse que "*O espírito é que*

dá vida, a carne de nada serve." (João 6,63), isso só vem reforçar a nossa natureza como sendo a espiritual.

Por outro lado, partindo do princípio de que "*Deus é Espírito*" (João 4,24) e que somos a Sua imagem e semelhança, é inevitável concluirmos que, na verdade, somos também Espíritos.

Seguindo a leitura desse passo de Lucas, temos:

> Lucas 20,37-38: "*E que os mortos ressuscitem, é Moisés quem dá a conhecer através do episódio da Sarça Ardente, quando chama ao Senhor: o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Ora,* ***Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos; para ele, então, todos são vivos***."

Considerando que, na narrativa, se afirma que "todos são vivos", ao referir-se aos personagens Abraão, Isaac e Jacó, é de se supor que, se eles são vivos, logicamente o são em Espírito. E, pela comparação de Jesus, pode-se concluir que eles já ressuscitaram (surgiram de novo, novamente) no mundo dos espíritos, ou seja, estão vivendo a vida

do Espírito; por isso não morrem mais. Assim, entendemos que aqui também o que Jesus ensinou foi a ressurreição do Espírito na dimensão espiritual, não a do corpo físico, um dogma fundamental das igrejas tradicionais.

> Mateus 27,50-53: "*Então Jesus deu outra vez um forte grito, e* ***entregou o espírito****. Imediatamente a cortina do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo; a terra tremeu, e as pedras se partiram.* ***Os túmulos se abriram e muitos santos falecidos ressuscitaram****. Saindo dos túmulos depois da ressurreição de Jesus,* ***apareceram na Cidade Santa, e foram vistos por muitas pessoas****.*"
>
> Marcos 16,9-14: "***Depois de ressuscitar*** *na madrugada do primeiro dia após o sábado,* ***Jesus apareceu*** *primeiro a Maria Madalena, [...] Ela foi anunciar isso aos seguidores de Jesus, [...] Quando ouviram que ele estava vivo e fora visto por ela, não quiseram acreditar.* ***Em seguida, Jesus apareceu a dois deles, com outra aparência****, enquanto estavam caminho do campo. Eles também voltaram e anunciaram isso aos outros, que não acreditaram nem mesmo nestes.* ***Por fim, Jesus apareceu aos onze discípulos enquanto estavam comendo****. [...].*"

Certamente, que a ressurreição de Jesus foi puramente espiritual, sem nenhuma diferença com o que se diz ter acontecido no trecho que afirma que "*muitos santos falecidos ressuscitaram*". A utilização do verbo "aparecer" tanto para os santos falecidos quanto para Jesus, nos remete, inevitavelmente, a ideia de Espíritos manifestando-se aos homens.

b) A volta de uma alma influenciando uma pessoa viva

É uma situação inusitada; entretanto, é possível de acontecer.

> Mateus 14,1-2: "*Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, veio a conhecer a fama de Jesus e disse aos seus oficiais: '**Certamente se trata de João Batista: ele foi ressuscitado dos mortos e é por isso que os poderes operam através dele**!'*."
>
> Marcos 6,14-16: "*O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome se tornara conhecido. Herodes dizia: '**João Batista ressuscitou dos mortos e é por isso que o poder de fazer milagres opera nele**'. Outros, porém, diziam: '**É Elias"**. E outros ainda afirmavam: 'É profeta, como qualquer profeta'. Mas, ouvindo isso, **repetia Herodes: 'É João, a quem fiz***

degolar, que ressuscitou'." ([35])

Esses passos são duas versões do mesmo episódio, que ainda pode ser visto na narrativa de Lucas (9,7-9). Só que em Lucas, Herodes descartou que não poderia ser João, enquanto em Mateus e Marcos ele afirma que é.

Muitos médiuns, agindo pelo "poder" do Espírito que lhes acompanha e com o qual estão totalmente sintonizados, operam prodígios, incluindo aí as curas, por operações espirituais, fato que, muitos de nós, já estamos acostumados, por ser um pouco comum em terras brasileiras.

c) Voltar a viver no mesmo corpo

Três personagens bíblicos, mencionados no NT, conseguiram esse feito; são eles:

Jesus: a filha de Jairo (Mateus 9,24), o filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) e Lázaro (João 11,1-44).

Pedro: citado por ter ressuscitado a jovem chamada Tabita (Atos 9,36-40).

Paulo: que fez voltar à vida o menino Êutico,

que havia morrido após ter caído de uma janela (Atos 20,9-12).

A questão que colocamos é: Será que, de fato, em todos esses casos, houve propriamente uma morte? Devemos observar, por exemplo, que, no caso da filha de Jairo, Jesus afirmou: "*a menina não morreu, está dormindo*" (Mateus 9,24; Marcos 5,39 e Lucas 8,52).

Em relação a Lázaro (João 11,1-44) a coisa é mais complicada, pois, apesar de Jesus ter dito que "*esta doença não é para a morte*" e que "*nosso amigo Lázaro dorme*", o texto bíblico, a partir dos versículos 13 a 16, apresenta uma contradição dizendo que se trata de morte mesmo. Ora, isso, a nosso ver, foi um acréscimo ao texto original, objetivando, especificamente, justificar a tese da ressurreição corporal. Se o retirarmos da passagem não haverá solução de continuidade na narrativa.

João 11,1-44:

1-12: "*Um tal de Lázaro tinha caído de cama. Ele era natural de Betânia, o povoado de Maria e de sua irmã Marta. [...] Então as irmãs mandaram a Jesus um recado que dizia:*

*'Senhor, aquele a quem amas está doente'. Ouvindo o recado, Jesus disse: '**Essa doença não é para a morte**, mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por meio dela'. Jesus amava Marta, a irmã dela e Lázaro. Quando ouviu que ele estava doente, ficou ainda dois dias no lugar onde estava. Só então disse aos discípulos: 'Vamos outra vez à Judeia'. [...] Jesus [...] acrescentou: '**O nosso amigo Lázaro adormeceu**. Eu vou acordá-lo'. Os discípulos disseram: 'Senhor, se ele está dormindo, vai se salva*r'.

13-16: *Jesus se referia à morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando de sono natural. Então **Jesus falou claramente para eles: 'Lázaro está morto**. E eu me alegro por não termos estado lá, para que vocês acreditem. Agora, vamos para a casa dele'. Então Tomé, chamado Gêmeo, disse aos companheiros: 'Vamos nós também para morrermos com ele'.

17-44: *Quando Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. Betânia ficava perto de Jerusalém; uns três quilômetros apenas. [...] Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. [...] disse a Jesus: 'Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. [...]' Jesus [...] disse: 'Onde vocês colocaram Lázaro?' Disseram: 'Senhor, vem e vê'. [...] Jesus [...] chegou ao*

túmulo. Era uma gruta, fechada com uma pedra. Jesus falou: 'Tirem a pedra'. Marta, irmã do falecido, disse: 'Senhor, já está cheirando mal. Faz quatro dias'. Jesus disse: 'Eu não lhe disse que, se você acreditar, verá a glória de Deus?' Então tiraram a pedra. Jesus levantou os olhos para o alto e [...] gritou bem forte: 'Lázaro, saia para fora!' O morto saiu. [...]."

Você, caro leitor, pode comprovar que se trata mesmo de um acréscimo, basta ler os versículos 1 a 12 e depois vá direto para os de 17 a 44, e verá que o texto fica totalmente inteligível, como se nada lhe tivesse sido cortado.

Curioso que, no texto, Tomé é decidido, quando, em outro momento, vacilou em aceitar a ressurreição de Jesus, dizendo que só acreditaria se tocasse os dedos nas marcas dos pregos nas mãos de Jesus e também tocasse em sua chaga, conforme nos narra o Evangelho de João (20,24-29).

Em ***A Gênese***, cap. XV – Os Milagres do Evangelho, tópico “Ressurreição”, temos a opinião de Allan Kardec sobre “as ressurreições” operadas por Jesus:

39. O fato do retorno à vida corpórea de um indivíduo realmente morto seria contrário às leis da natureza, e por consequência miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas por Cristo.

Se, entre nós, as aparências enganam, por vezes, os profissionais acidentes dessa natureza deviam ser frequentes, num país onde nenhuma precaução e o sepultamento fosse imediato ([36]). Há, pois, toda a probabilidade que **nos dois exemplos anteriores só devesse haver síncope ou letargia**. ([37]) Jesus, ele mesmo afirma, positivamente, da filha de Jairo: *Essa filha*, diz ele, *não está morta, está apenas dorme*. A partir do poder fluídico que Jesus possuía, nada há de extraordinário em que o fluido vivificante, dirigido por uma vontade forte, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha mesmo podido fazer ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, tanto que o laço perispiritual não estava definitivamente rompido. Para os homens desse tempo, que acreditavam que o indivíduo estivesse morto desde que não respirasse mais, haveria ressurreição, e puderam afirmar isso de muito boa-fé: mas havia, **na realidade, cura, e não ressurreição, na acepção do termo**.

40. – **A ressurreição de Lázaro**, digam o que disserem, não anula de modo nenhum esse princípio. Ele estava, dizia-se, após quatro dias no sepulcro, **mas sabe-se que**

> **há letargias que duram oito dias ou mais**. Junte-se que ele recendia mal, que é um sinal de decomposição. Essa alegação não prova nada, uma vez que, em certos indivíduos, existe uma decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte e o que exalam um odor de putrefação. A morte não chega senão quando os órgãos essenciais à vida são afetados.
>
> E quem podia saber se ele cheirava mal? É sua irmã Marta que o diz, mas como ela sabia? Lázaro, estando enterrado, depois de quatro dias, ela poderia supor, mas não ter certeza. (Cap. XIV, nº 29.) ([38]) ([39])

É mais lógico admitir que mesmo tendo sido enterrado, na realidade, não houve a morte de Lázaro, seguiam os rituais da época, em que o morto era imediatamente enterrado. Essa é a razão pela qual Jesus conseguiu despertá-lo do “sono”.

Em ***O Livro dos Espíritos***, explicação de Allan Kardec para letargia:

> A letargia e a catalepsia têm o mesmo princípio, que é a perda momentânea da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, **na letargia, a suspensão das**

> **forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente**, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética. ([40])

Na obra ***Parapsicologia: uma visão panorâmica*** o Dr. Hernani, por sua vez, define como catalepsia o que Allan Kardec definiu como letargia, o que pode ter decorrido da confusão dos termos ou, quem sabe, de as definições, com o tempo, terem sido mudadas. Vejamos:

> A CATALEPSIA
>
> **A catalepsia é um estado envolvendo a súbita suspensão da sensação e da volição, bem como a parada parcial das funções vitais. Ocorre, ao mesmo tempo, uma modificação no corpo do paciente; este se torna rígido e sua aparência pode ser confundida com a de uma pessoa morta**. Na maioria das vezes, o indivíduo fica inconsciente durante o transe cataléptico. Em outras ocasiões, o paciente manifesta intensa excitação mental, por ações e palavras aparentemente voluntárias. **O ataque**

> **cataléptico tem duração variável, indo de alguns minutos a vários dias**. Ele pode repetir-se por qualquer motivo insignificante, se não houver resistência por parte do paciente.
>
> Perturbações do sistema nervoso, geralmente provocadas por emoções fortes e prolongadas, um susto ou um medo violento chegam a produzir o estado cataléptico. Alguns pequenos animais podem ser postos em catalepsia, por meio de manobras físicas. ([41])

Levando-se em conta essas duas explicações, então, podemos, seguramente, dizer que Lázaro não morreu, apenas passou por estado de letargia ou de catalepsia, saindo dele após Jesus o ordenar que saísse para fora do túmulo.

O que mais vemos, de forma quase que generalizada, entre os crentes é a vontade deles em manter certos fatos à conta de milagres, pois, para eles, Deus é mais poderoso quando os produz. O filósofo holandês Baruch de Espinosa (1632-1677), em ***Tratado Teológico-político***, tece alguns comentários a respeito desse assunto, que, de tão oportunos, não podemos deixar de citá-los:

> […] O vulgo, com efeito, pensa que a providência e o poder de Deus nunca se manifestam tão claramente como quando parece acontecer algo de insólito e contrário à opinião que habitualmente faz da natureza, em especial se resultar em seu proveito ou vantagem. […]. ([42])

> […] E, de fato, isso agradou de tal maneira aos homens que, até hoje, ainda não pararam de inventar milagres para fazer crer que Deus os ama a eles mais do que aos outros e que são a causa final que levou Deus a criar e a reger continuamente todas as coisas. De quanta presunção se arroga a insensatez do vulgo, que não tem de Deus nem da natureza um só conceito que seja correto, que confunde as volições de Deus com as dos homens e que, ainda por cima, imagina a natureza de tal modo limitada que acredita ser o homem a sua parte principal! ([43])

E, questionando a realidade dos milagres, Espinosa arremata categórico:

> […] Sem, por conseguinte, acontecesse na natureza algo que repugnasse às suas leis universais, repugnaria, necessária e igualmente, ao decreto, ao entendimento e à natureza de Deus; por outro lado, se admitíssemos que Deus faz alguma coisa

> contrária às leis da natureza, seríamos também obrigados a admitir que Deus age em contradição com a sua própria natureza, o que é um absurdo. […]. ([44])

Se querem fazer de Jesus um ser especial porque ele ressuscitou Lázaro, então, outros personagens também deveriam participar disso. Podemos, por exemplo, citar:

a) **Pitágoras** (c. 572-c.490 a.C.) que, "ao regressar à Grécia, começou a pregar a sabedoria que aprendera, fazendo milagres, **ressuscitando os mortos** e fazendo oráculos." ([45]);

b) **Empédocles** (c. 490-c.430 a.C.), discípulo de Pitágoras, dizia-se que "**ressuscitou uma mulher** que já estava morta há trinta dias," ([46]);

d) **Apolônio de Tiana** (2 a.C.-c.98), que "foi um outro deus-homem que curava os doentes, predizia o futuro e **ressuscitara os mortos**." ([47])

Apolônio, segundo Freke e Gandy, em ***Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo***:

> […] embora não fisicamente presente, **dizia-se que ressuscitara a filha de um cônsul romano exactamente da mesma forma como se diz que Jesus ressuscitou a filha de Jairo**, um presidente da sinagoga, sem sequer a visitar. ([48])

Dos três citados o mais relevante deles é Apolônio de Tiana, exatamente, porque foi contemporâneo de Jesus. O relato desse caso irá nos ajudar a entender o que realmente aconteceu a Lázaro; quem nos dá informação dele é G. R. S. Mead (1863-1933). Mead, em sua obra ***Apolônio de Tiana: sábio, profeta e renovador dos mistérios***, menciona um caso, que transcrevemos:

> Por outro lado, o relato da "restauração à vida", por Apolônio, de uma moça de estirpe nobre em Roma, é feito com grande moderação. Nosso filósofo parece ter encontrado o cortejo fúnebre por acaso. Então, acercou-se do caixão e, depois de dar alguns passes magnéticos sobre a jovem e pronunciar algumas palavras inaudíveis, "**despertou-a de sua aparente morte**". Porém, diz Dâmis, "se **Apolônio notou que a centelha da alma ainda residia nela**, o que os amigos dela não tinham conseguido perceber – pois, eles disseram que estava

> caindo uma chuva fina e uma leve névoa pairava sobre o rosto dela – ou se ele **fez com que a chama da vida esquentasse outra vez, reanimando-a assim”**, nem ele nem nenhum dos presentes podia dizer (iv 45). ([49])

A fonte de Mead é Flavius Filostrato *(cir.* 175-245 d.C.), autor da única biografia de Apolônio ([50]). Dâmis, citado na transcrição, foi o inseparável discípulo de Apolônio, em cujos relatos Filostrato, por sua vez, apoiou-se ([51]).

Então, temos que Dâmis afirma que Apolônio, ao ressuscitar a jovem, na verdade, “despertou-a de sua aparente morte”. Ele não soube a razão de Apolônio ter feito isso; se pelo motivo dele ter visto “que a centelha da alma ainda residia nela” ou se somente “fez com que a chama da vida esquentasse outra vez, reanimando-a assim”; porém, de qualquer forma, fica claro que não a considerava morta. Ora, como isso aconteceu exatamente na mesma época de Jesus, não poderia ter sido esse também o caso do nosso amigo Lázaro? Aliás, nem atestado médico comprovando a sua morte temos.

d) Voltar a viver em outro corpo (= reencarnação)

Aqui, não há dúvida, de que voltar à vida em outro corpo é, nada mais, nada menos, do que aquilo que nós, espíritas, entendemos por reencarnação.

> Lucas 9,7-9: "*O tetrarca Herodes, porém, ouviu tudo o que se passava, e ficou muito perplexo por alguns dizerem: '**É João que foi ressuscitado dos mortos'; e outros: 'É Elias que reapareceu'; e outros ainda: 'É um dos antigos profetas que ressuscitou**". Herodes, porém, disse: 'A João eu mandei decapitar. Quem é esse, portanto, de quem ouço tais coisas?' E queria vê-lo.*"

Se diziam que Jesus podia ser Elias ou "um dos antigos profetas que **ressuscitou**" isso só poderia acontecer caso acreditassem que esses personagens poderiam voltar a uma nova vida em outro corpo, o que seria, para nós, reencarnar. Fica claro, que, no texto, o termo ressuscitou significa reencarnou. Apenas no caso de João Batista isso não seria possível, visto ele ter sido contemporâneo de Jesus; segundo Shimon Gibson, a diferença de idade entre eles era de seis meses, cita Lucas 1,26 como

referência ([52]). Mas que fica claro que acreditavam na reencarnação, isso é um fato, embora encontremos os antirreencarnacionistas negando.

Em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 1***, Champlin, explica o seguinte ao se referir ao versículo 9,8: “outros; Elias apareceu; e outros: um dos antigos profetas se levantou”:

> MALAQUIAS 4:5 e Eclesiástico 48:10 falam da **volta** de Elias “nos últimos dias”, os dias do Messias e seu reino. **Alguns julgavam que Jesus fosse a reencarnação de Elias, ou de algum dos outros profetas. Ensinava-se a reencarnação nas escolas dos fariseus e dos essênios, pelo que a crença popular com facilidade pode ter identificado Jesus com um dos grandes profetas do A.T.,** e não diretamente com a esperança messiânica. Marcos grafou “um profeta, como um dos profetas antigos”, não incluindo, necessariamente, a ideia da reencarnação aqui; mas a versão de Lucas requer tal ideia. Neste ponto, Mateus não expõe qualquer dessas teorias, mas somente aquela acerca de João Batista, que de algum modo estaria operando em Jesus, como se este último fosse João redivivo. João 7:40,41 distingue o grande “profeta” de Deut. 17:15

> do Messias, ou seja, de um grande "profeta dos últimos dias", de acordo com a teologia da época, que surgiria à parte do próprio Messias. (Ver Mat. 16:14 quanto à **teoria popular de que Jeremias, tanto quanto Elias, se reencarnariam e teriam um ministério nos últimos dias**). ([53])

Vejamos, também, o que Champlin, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 2***, diz a respeito de Mateus 16,14: *"Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou algum dos profetas."*:

> "*Uns dizem: João Batista*". Mal. 14:1 demonstra que Herodes adotou essa teoria: "Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos". Provavelmente, então, alguns dos herodianos também pensavam assim. Essa ideia circulava entre o povo. Dificilmente podemos crer que muitos pensavam que João Batista ressuscitara dos mortos, porque a maioria sabia que Jesus e João foram contemporâneos. **Tal teoria, portanto, reflete a doutrina da transmigração da alma. É óbvio que essa crença exercia influência nas escolas dos fariseus, e, ainda que nunca tivesse sido totalmente aceita por todo o povo, muitos indivíduos**

(provavelmente a maioria) aceitavam-na como verdadeira. Conforme tais ideias se tinham desenvolvido **nas escolas dos fariseus, dizia-se que ainda viviam as almas dos grandes profetas, e que em tempo oportuno, em momentos de grande necessidade, como alguma crise nacional, etc., tais almas poderiam tomar corpo novamente.** No caso de João Batista. não podemos afirmar que essa crença refletisse a ideia da "reencarnação", mas deve ser interpretada como "transmigração" ou "possessão". Porém, **uma vez admitida a ideia que Jesus era Elias, Jeremias, ou outro personagem do passado, então se pode afirmar que essa crença era idêntica à "reencarnação"**. O termo "transmigração" é usado por muitas vezes como sinônimo de "reencarnação". A identificação de Jesus com João Batista. pelo menos, poderia preservar a identificação de Jesus com a esperança messiânica, porque **era crença geral, entre o povo, que João era Elias reencarnado**, e Elias seria o precursor do Messias. Mas pode-se afirmar, à base dessa ideia, que tais pessoas não aceitavam que Jesus fosse o Messias.

"OUTROS: *Elias*"; A estatura espiritual de Jesus é demonstrada por esta comparação, pois Elias era reputado um dos maiores profetas, e sua volta estado de renovação, ao voltar numa nova missão, (porque a história bíblica declara que ele não morreu), seria o precursor do Messias. É possível que alguns,

por temerem as autoridades, se recusassem a confessar que Jesus era o Messias; mas ainda assim não quiseram desfazer-se da esperança que o Messias apareceria no tempo deles. Assim sendo. provavelmente essa era uma explicação apresentada como recurso psicológico, para nutrir a esperança no cumprimento das profecias, ao mesmo tempo que era evitado qualquer problema com as autoridades religiosas. Talvez outros cressem nisso sinceramente; contudo. perderam de vista a verdade maior – a presença real do Messias, entre eles. Mas, o fato que alguns dos milagres operados por Jesus tinham paralelo com os de Elias, provavelmente reforçava essa ideia. Por outro lado, o fato que o ministério de Jesus não tinha o caráter de fogo e violência que caracterizava o ministério de Elias, não entrava nessas considerações, como também o fato que as profecias sobre o ministério de Elias, como precursor do Messias, declaravam que esse ministério também seria um ministério de julgamento. Jesus não cumpriu as exigências proféticas, mas, a despeito disso, persistia tal ideia.

"*Outros: Jeremias*". Diversas lendas circulavam acerca da personalidade de Jeremias, bem como acerca de seus diversos ministérios na terra. **Alguns judeus acreditavam que Zacarias era Jeremias *reencarnado***. Outros criam que as profecias de Deut. 18:15,18 aludiam a Jeremias e seu ministério. **II Macabeus 2:1-12 prediz que**

Jeremias, em algum período indeterminado do futuro, devolveria a arca original que ele escondera em uma caverna, à nação de Israel. Nesse mesmo livro acha-se a história que Jeremias apareceu em uma visão a Judas Macabeu, como homem de "cabelos grisalhos e muito glorioso". A lenda se disseminou, incluindo a ideia que Jeremias teria o ministério de ser uma espécie de "anjo da guarda" da nação. Por motivo de suas profecias sobre o Messias, Jeremias, à semelhança de Isaías, estava identificado à esperança messiânica. Portanto, entre o povo judeu alguns não se surpreenderiam ante a volta de Jeremias. Tal como Jesus, esse profeta foi "desprezado, e o mais indigno entre os homens; homem de dores e experimentado nos trabalhos". **É possível que essa semelhança entre Jeremias e Jesus tivesse feito com que algumas pessoas pensassem que Jesus era Jeremias reencarnado**. Pelas doutrinas dos judeus, sabemos que não era impossível que alguns pensassem em Jeremias ressuscitado, ou em outro dos profetas ressuscitados; mas, provavelmente, **a ideia da reencarnação era mais comumente aceita como explicação**.

"*Ou algum dos profetas*". (Luc. 4:8. diz: "… ressurgiu um dos antigos profetas"). Alguns judeus estavam extremamente impressionados com os milagres operados por Jesus, porquanto sabiam que um homem comum não seria capaz de fazer o que ele

> realizara. Todavia, não havia ideia sobre sua identidade, nem alguma hipótese que fosse além da observação de que tal ministério deveria ser resultante da tradição profética. É mais provável que todos esses não fizessem qualquer vinculação entre Jesus e a esperança messiânica, e, assim sendo, não davam o valor devido à verdadeira identidade de Jesus. Essas diversas respostas indicam o seguinte: 1. Que Jesus gozava de alguma popularidade entre o povo; pois todos – reconheciam – sua elevada estatura espiritual. 2. Que a fé da maioria diminuíra ou fora desviada em face da influência das autoridades religiosas, resultando disso que poucos aceitavam que Jesus fosse o Messias. 3. Que a confusão em torno da identificação de Jesus com o Messias, de modo geral, só serviu para diminuir sua influência e popularidade. 4. Que, nesse ponto dos acontecimentos, a esperança de estabelecer o reino literal dos céus na terra, tornara-se uma luz bruxuleante e desmaiada. ([54]) (itálico do original)

Fica, portanto, comprovado que a ideia da reencarnação era algo comum àquela época.

Na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, no capítulo IV – Ninguém poderá ver o reino dos céus se não nascer de novo, Allan Kardec

tece os seguintes comentários:

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição.* Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. **As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo**. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. **Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*.** Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. **A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo**. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram

> conhecidos. **João, pois, podia ser Elias reencarnado, porém, não ressuscitado**. ([55])

Totalmente coerentes essas observações de Allan Kardec, que são corroboradas por tudo quanto pudemos levantar nesse estudo, tomando como base a cultura egípcia, a crença dos próprios judeus e os textos bíblicos, incluindo os que ainda serão vistos a partir daqui.

2.1 – João Batista era o profeta Elias reencarnado?

Esse assunto é dos que produzem muita polêmica no meio dos cristãos tradicionais, que não querem de forma alguma ver nele a reencarnação sendo algo constante no ensino de Jesus, conforme veremos a seguir.

Sobre esse nosso personagem, tomando do ***Dicionário Barsa***, esclarecemos:

> **Elias**: Profeta extraordinário que viveu no tempo de Acab, rei de Israel (873-854 a.C.) e seu sucessor Ocozias. Foi uma época de grande apostasia de Javé, Deus de Israel, e de proliferação de cultos pagãos pelo território bíblico. […]. ([56])

a) A profecia: a previsão da volta de Elias

Para ter a história desde seu início, voltamos a citar Malaquias, que foi o profeta designado por Deus para anunciar a volta de Elias.

> Malaquias 3,1.23-24: "***Eis que enviarei o meu mensageiro*** *para que prepare um caminho diante de mim.* ***Eis que vos enviarei Elias****, o profeta, antes que chegue o Dia de Iahweh, grande e terrível.* ***Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais****, para que eu não venha ferir a terra com anátema.*"

Temos, ainda, outra confirmação sobre a volta de Elias; trata-se do livro Eclesiástico, que apesar de constar apenas de Bíblias utilizadas pelos católicos, os seguidores das várias vertentes protestantes não podem deixar de considerá-lo pelo seu valor histórico. Foi escrito por volta de 190-124 a.C. por Jesus Ben Sirac ([57]), mestre em sabedoria em Jerusalém ([58]), cujo início do capítulo 48 (versículos 1 a 11), é dedicado ao profeta Elias. Leiamos o versículo da passagem que nos interessa neste estudo:

> Eclesiástico 48,10: "*Tu que fostes designado*

nas ameaças do futuro, para apaziguar a cólera antes do furor, ***para reconduzir o coração dos pais aos filhos*** *e restabelecer as tribos de Jacó.*"

Aqui, nestas duas passagens, torna-se clara a previsão da volta de Elias; assim, se se toma a Bíblia como sendo a palavra de Deus, dever-se-ia aceitar essa realidade.

b) A realização: anúncio de que ele está voltando

"Um" Anjo do Senhor, e não "o" Anjo do Senhor, veio avisar a Zacarias que sua mulher Isabel, apesar de estéril, daria a luz a um filho, ao qual deveriam chamá-lo de João. Vejamos a narrativa completa.

Lucas 1,11-17: "Apareceu-lhe, então, o Anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. Ao vê-lo Zacarias perturbou-se e o temor se apoderou dele. Disse-lhe, porém, o anjo: 'Não temas, Zacarias!, porque tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará um filho, ao qual ***porás o nome de João****. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com seu nascimento. Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho, nem bebida*

embriagante; ficará pleno do Espírito Santo ainda no seio de sua mãe e converterá muitos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. Ele caminhará à sua frente, ***com o espírito e o poder de Elias****,* ***a fim de converter os corações dos pais aos filhos*** *e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto*'.”

Sabemos que João Batista foi um profeta, cuja definição, segundo o que consta na ***Bíblia Sagrada Vozes***, é:

> **Profeta**: É alguém que **fala aos outros em nome de Deu**s (Dt 18,18). **É um porta-voz escolhido, enviado e inspirado por Deus para fazer em seu nome pronunciamentos**, chamados oráculos, e para fazer ver o plano e a vontade divinos. Por causa do conhecimento dos segredos divinos é chamado também “visionário” ou “vidente”. Mas o essencial de um profeta é falar em nome de Deus e não prever o futuro ou estar sujeito a transes proféticos. ([59])

Então o que se era de esperar é que fosse dito “*com o espírito e* **o poder de Deus**” e não “*com o espírito e o poder de Elias*”, que está aí exatamente para confirmar que era o próprio Elias quem estava

voltando no corpo da criança que se previa o nascimento, ou seja, João Batista.

Vejamos, na tradução mais antiga que possuímos, o teor da passagem Lucas 1,17, em que fica evidente a manipulação de texto:

> Lucas 1,17: *“e irá adiante dele com o espírito* ***com o espírito e a virtude de Elias****, a fim de reconduzir os corações dos pais para os filhos e os incrédulos à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo perfeito.”* ([60])

A expressão “*no espírito e virtude de Elias*”, bem semelhante a que consta acima, pode também ser encontrada nas traduções: SBB, SBTB e Barsa. A tradução que destoa totalmente é a versão NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje) da SBB, cujo teor é:

> Lucas 1,17: *“Ele será mandado por Deus como mensageiro e* ***será forte e poderoso como o profeta Elias****. […].”* ([61])

Tanta divergência assim só se explica pelo fato de fazerem “os diabos” para tirar dessa passagem a implícita ideia da reencarnação, na doce ilusão de ter algo para “demonstrar” que ela não consta dos

ensinos de Jesus. Pobres coitados! São verdadeiros, cegos guiando cegos.

Observar que na profecia de Malaquias foi dito "***Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais***" *e aqui, em Lucas, a missão de João era a "****de converter os corações dos pais aos filhos*** *e os rebeldes à prudência dos justos",* portanto, quase nos mesmos termos como dito por Malaquias.

c) A confissão de João Batista

Um amigo internauta ([62]) chamou-nos a atenção para o detalhe interessante relacionado com a expressão "voz que clama no deserto", em que vimos ser algo novo para nós, pois até então não o tínhamos visto.

> João 1,19-23: *"O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou [...]: 'Eu não sou o Messias.' Eles perguntaram: 'Então, quem é você?* ***Elias?' João disse: 'Não sou.'*** *Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não.' Então perguntaram: 'Quem é você? Temos que levar*

*uma resposta para aqueles que nos enviaram. Quem você diz que é?' **João declarou: 'Eu sou uma voz gritando no deserto**: 'Aplainem o caminho do Senhor', como disse o profeta Isaías.'"*

A negativa de João Batista em ser Elias é explicada pelo fato de na nova encarnação esquecemos do passado, simbolicamente, bebemos água do rio Lete, dos gregos. Talvez foi isso que pressentiu Jó ao dizer *"Somos de ontem, não sabemos nada. **Nossos dias são uma sombra sobre a terra**."* (Jó 8,9)

O que teria dito Isaías em 40,3? Vejamos o teor da passagem:

> Isaías 40,1-5: *"Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que o seu serviço está cumprido, que a sua iniquidade está expiada, que ela recebeu da mão de Iahweh paga dobrada por todos os seus pecados". **Uma voz clama: "No deserto, abri um caminho para Iahweh; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus**. Seja entulhado todo vale, todo monte e toda colina sejam nivelados; transformem-se os lugares escarpados em planície, e as elevações, em*

> *largos vales. Então a glória de Iahweh há de revelar-se e toda carne, de uma só vez, o verá, pois a boca de Iahweh o afirmou'."*

Interessante é que, na *Bíblia Sagrada – Edições Paulinas 1957*, o trecho Isaías 40,3-17 tem o título **O precursor**.

Na ***Bíblia Sagrada Vozes***, em nota de rodapé, lemos:

> Isaías 40,3-4: A volta do exílio terá a Deus como guia e se processará por excelentes estradas. O tema da volta do exílio como novo, maravilhoso êxodo, é frequente em Is 40-55, inspirando-se em Jr 31,2-3 e Ez 20,38-42. **Os evangelhos sinóticos aplicam a passagem a João Batista, precursor do Senhor** (Mt 3,3; Jo 1,23). ([63])

Nos evangelhos Sinópticos – Mateus, Marcos e Lucas –, ao narrarem o aparecimento de João Batista, pregando no deserto ([64]), reportam o aparecimento dele com o cumprimento da "profecia" de Isaías, citando, justamente o que fala da "voz que clama no deserto" (Isaías 40,3).

Por ter um detalhe a mais vejamos a narrativa de Marcos:

> Marcos 1,2-6: *“Está escrito no livro do profeta Isaías: ‘**Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para preparar o teu caminho**. Esta é a **voz daquele que grita no deserto**: Preparem o caminho do Senhor, endireitem suas estradas!’ E foi assim que João Batista apareceu no deserto, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados. Toda a região da Judeia e todos os moradores de Jerusalém iam ao encontro de João. Confessavam os seus pecados, e João os batizava no rio Jordão. João se vestia com uma pele de camelo, usava um cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre.”*

Interessante é que o autor desse evangelho coloca na boca do profeta Isaías o que Malaquias havia dito ao fazer sua profecia sobre a volta de Elias: “*Eis que eu envio o meu mensageiro na tua frente, para preparar o teu caminho*”.

Um detalhe sobre João Batista é que ele “*se vestia com uma pele de camelo, usava um cinto de couro”,* exatamente, como Elias foi descrito: *“Era um*

homem ***vestido de pelos e com um cinto de cour****o ao redor dos rins.”* (2 Reis 1,8)

Champlin, em ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 1***, explicando Mateus 3,3 e Marcos 1,2, diz:

> Mt 3,3: *“Preparai o caminho do Senhor”*. Mateus cita Is 40:3 apenas, porém, **Marcos também alude a Mal. 3,1**. Todos os quatro evangelhos citam as palavras de Is 40:3. **A citação apresenta João como preceptor que habilmente reúne a velha e a nova dispensações**. […]. ([65])
>
> Mc 1,2: Esta citação tenciona provar, “pela profecia”, que **as boas novas sobre Cristo tiveram seu início determinado na proclamação de um precursor**, que veio preparar-lhe o caminho. **A primeira parte é extraída de Mal. 3,1, e a segunda de Is 40,3…** […]. ([66])

Se os autores dos Sinópticos dizem que João Batista tem a função de precursor, cumprimento da “profecia” de Isaías e o próprio profeta o cita, então, temos comprovado que João Batista foi Elias. Tomemos desta passagem que fala do tesbita:

> 1 Reis 19:4,13: *“Quanto a ele,* ***fez pelo deserto a caminhada de um dia*** *e foi sentar-se debaixo de um junípero.* ***Pediu a morte, dizendo****: ‘Agora basta, Iahweh! Retira-me a vida, pois não sou melhor que meus pais.’ Quando Elias o ouviu, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da gruta. Então, veio-lhe uma voz, que disse: ‘Que fazes aqui, Elias?’”*

Eis aí o nosso personagem Elias “clamando no deserto”, voltar como o profeta João Batista confirma ser esta a “voz que clama no deserto”, portanto, Elias reencarna como João Batista.

d) O cumprimento da profecia: Jesus identifica João como sendo Elias

Sem que nos fosse revelado não teríamos como saber se Elias teria voltado, ou não, mesmo considerando o que o anjo disse a Zacarias. Não morreremos sem saber, pois temos um grande personagem, que irá nos desvendar esse “mistério”. Vejamos:

> Mateus 11,7-15: “*Os discípulos de João partiram, e* ***Jesus começou a falar às multidões a respeito de João****: 'O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço*

agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. ***É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'****. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele.* ***Desde os dias de João Batista até agora****, o Reino do Céu sofre violência, e são os violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar,* ***João é Elias que devia vir****. Quem tem ouvidos, ouça'.”*

Observe, caro leitor, essa fala de Jesus: “*É de João que a escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'.”*, se não é exatamente o que consta na profecia de Malaquias sobre a volta de Elias... Assim, se na Escritura está dito “*eis que envio o meu mensageiro*” (Malaquias 3,1), mensageiro que é identificado pelo próprio Malaquias como sendo

Elias (Malaquias 3,23-24), e Jesus identifica-o como sendo João, então, temos que concordar que João só pode ser Elias em nova reencarnação; não há como fugir disso a não ser tomando Jesus como mentiroso e Deus como nos tendo enganado, pois disse que enviaria Elias e enviou outra pessoa.

Ademais, isso faz sentido com o "***desde os dias de João Batista até agora***", pois Jesus se referia à época em que João viveu como Elias, uma vez que não há cabimento algum em relacionar isso a alguém que lhe é contemporâneo; portanto, a expressão deve ser entendida com o seguinte sentido: "desde o tempo em que João foi Elias".

Jesus, sabedor que não seria acreditado, acrescenta: "*Quem tem ouvidos, ouça*", ou seja, não se preocupou em forçar a ninguém a acreditar naquilo que estava falando.

Em ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 3***, o versículo 14 é traduzido por Pastorino da seguinte forma: "**E se quereis aceitar (isto), ele mesmo é Elias que estava destinado a vir"**; e ele explicou o porquê disso:

A tradução do vers. 14 não coincide com as comuns. Mas o grego é bem claro: *kai* (e) *ei* (se) *thélete* (quereis) *decsásthai* (aceitar, inf. pres.) *autós* (ele mesmo) *estin* (é) *Hêlías* (Elias) *ho méllôn* (part. presente de mellô, destinado, "o que estava destinado") *érchesthai* (inf. pres.: a vir).

A Vulgata traduziu: "et si vultis recipere, ipse est Elias qui venturus est", em que o particípio futuro na conjunção perifrástica dá o sentido de *obrigação* ou destino do presente do particípio *méllôn*; acontece que o latim ligou num só tempo de verbo (*venturus est*) o sentido dos dois verbos gregos (*ho méllôn érchesthai*). Com essa tradução, porém, o sentido preciso do original ficou algo "arranhado". Se a tradução fora literal, deveríamos ler, na Vulgata (embora com um latim menos ortodoxo): "ipse est Elias debens venire", o que corresponde exatamente à nossa tradução: "ele mesmo é Elias que devia (estava destinado a) vir". Levados pela tradução da Vulgata, os tradutores colocam o futuro do presente (que *deverá* vir), quando a ação é nitidamente construída no futuro do pretérito. ([67])

Portanto, caro leitor, que fique atento quando for ler esse versículo.

e) A dúvida dos discípulos: Afinal, Elias vem ou não?

Num certo momento, os discípulos questionam a Jesus sobre a volta de Elias, conforme os escribas esperam acontecer, apoiados na profecia, que previa seu retorno.

> Marcos 9,2-4.9-13: “*Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou sozinhos, para um lugar retirado sobre uma alta montanha. Ali foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de alvura tal como nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar.* ***E lhes apareceram Elias com Moisés****, conversando com Jesus. Ao descerem da montanha, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até quando o filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram a recomendação* ***perguntando-se que significava '****ressuscitar dos mortos****'. E perguntaram-lhe: '****Por que motivo os escribas dizem que é preciso que Elias venha primeiro****?’ Ele respondeu: ‘****Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo****. Mas como está escrito a respeito do Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado?* ***Eu, porém vos digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram como dele está escrito****'.”*

Não podemos deixar de ressaltar que nesse

episódio acontece algo especial que vem contrariar aquilo que dizem sobre a comunicação com os mortos. É, caro leitor, no passo encontramos nada mais, nada menos, do que o próprio Jesus conversando com dois mortos – Moisés e Elias; isso prova que o intercâmbio com os que vivem no plano espiritual jamais foi uma proibição divina.

Além, de ser uma proibição particular de Moisés, ela não era tão abrangente quanto querem fazer dela se crer; a preocupação desse legislador hebreu era proibir a evocação dos mortos para fins de adivinhação, e não mais que isso.

Retomando o fio da meada. Os discípulos, que acompanhavam Jesus, ficaram sem entender a profecia a respeito da volta de Elias, quando ele falou da “ressurreição dos mortos”, por vê-lo junto de Moisés. A dúvida era: se Elias tem que voltar, ou seja, “ressuscitar dos mortos” para anunciar o Messias, como é que ele está aqui falando com Jesus? E, seguindo essa linha de raciocínio, Jesus, obviamente, passava a não ser o Messias esperado.

A resposta de Jesus foi taxativa: “*Elias*

certamente virá primeiro” ao que completa incontinente: “*Eu, porém, vos digo: Elias já veio*”. Essa segunda afirmativa tinha a função de não deixar margem a dúvida quanto à volta de Elias, em cumprimento à profecia de Malaquias.

Vejamos o final desse episódio pela narrativa de Mateus:

> Mateus 17,10-13: *“Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: ‘O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?’ Jesus respondeu: ‘Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês:* ***Elias já veio, e eles não o reconheceram****. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo’.* ***Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista***.”

Pela versão de Mateus, Jesus também afirmou categórico que “***Elias já veio”***, acrescentando “*e eles não o reconheceram, fizeram com ele tudo quanto quiseram*”; foi aí que os discípulos entenderam que Jesus falava de João Batista, conforme consta no versículo final desse passo. Por que motivo não o reconheceram? Simplesmente,

pelo fato dele ter vindo em outro corpo, o de João Batista.

Vimos Jesus em outras oportunidades dar demonstração clara de ter conhecimento do pensamento das pessoas, o que nos leva a concluir que também aqui, certamente, sabia o que pensavam seus discípulos; e se, mesmo assim, não disse nada em contrário, é sinal que aprovara o que estavam pensando de João, ou seja, que ele era realmente Elias.

Nesse passo há um detalhe que passa despercebido, que é a pergunta constante do versículo 10, a respeito da vinda de Elias, pois demonstra que os discípulos, pelo menos Pedro, Tiago e João, tinham conhecimento da reencarnação; senão não teria cabimento eles terem feito a pergunta sobre a vinda de Elias, e o fato deles, em consequência da resposta de Jesus, compreenderem que Ele lhes tinha falado de João Batista.

Aqui terminamos as explicações em que se comprova biblicamente que João é mesmo Elias, cuja volta foi profetizada por Malaquias.

2.2 – A pergunta de Jesus

Da resposta dada pelos discípulos à pergunta de Jesus sobre o que o povo pensava dele, pode-se, também, concluir que o povo também acreditava na reencarnação.

> Lucas 9,18-19: *“Certo dia, Jesus estava rezando num lugar retirado, e os discípulos estavam com ele. Então Jesus perguntou:* '***Quem dizem as multidões que eu sou?***' *Eles responderam:* '***Alguns dizem que tu és João Batista; outros, que és Elias; mas outros acham que tu és algum dos antigos profetas que ressuscitou***'*.”* ([68])

O teor desse passo confirma o que foi dito em Lucas 9,7-9, sobre quem achavam ser Jesus, que citamos, quando demonstramos os vários significados da palavra ressurreição.

Embora já dito, o que agora queremos novamente ressaltar, é que, se não acreditassem que alguém poderia voltar em outro corpo, não haveria nenhum sentido de pensarem ser Jesus algum desses personagens citados. É importante não esquecer o fato de que Jesus não retrucou aos discípulos dizendo que não era nenhum deles,

negação essa, com base na qual poderia ser aventada a hipótese de que não há a reencarnação. Como não negou, então, taxativamente, concordou que era possível alguém voltar em nova vida e em novo corpo, ou seja, reencarnando.

Champlin e Bentes, em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5***, trazem os seguintes argumentos:

> 1. *Mateus* 16:13,14: “Indo Jesus para as bandas de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros, Elias; e outros: Jeremias, ou algum dos profetas”.
>
> **Ora, se Jesus tivesse de ser um dos antigos profetas hebreus, teria de ter reencarnado**. Fazia parte da doutrina judaica comum daquela época que os grandes profetas da antiguidade teriam de cumprir mais de uma missão sobre a terra, e esperava-se que voltassem a este mundo não somente Elias, mas também Jeremias. Uma figura tão poderosa quanto Jesus, por conseguinte, bem poderia ser identificada com algum profeta antigo, na mente popular. O comentador bíblico, **Adam Clarke, diz** a respeito desses versículos:

> "… **a doutrina farisaica da metempsicose, ou transmigração das almas, era bastante generalizada**, porque era com base na mesma que eles **acreditavam que a alma de Batista, ou de Elias, Jeremias, ou de algum dos outros profetas, retornara à vida, no corpo de Jesus**".
>
> Jesus não aprovou e não negou essa doutrina, nessa oportunidade, apesar de não haver aceito qualquer das identificações propostas quanto à sua pessoa. A doutrina farisaica não limitava a reencarnação a alguns poucos indivíduos seletos, mas encontrava lugar para inúmeros renascimentos, dentro do seu sistema. ([69])

Confirmam, portanto, o que dissemos.

2.3 – O Cego de Nascença

Outra ocorrência que merece ser mencionada é aquela na qual Jesus cura um cego de nascença.

> João 9,1-3: *"Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Os discípulos perguntaram: '**Mestre, quem foi que pecou, para que ele nascesse cego?** Foi ele ou seus pais?' Jesus respondeu: '**Não foi ele que pecou, nem seus pais, mas ele é cego para que nele se manifestem as obras de Deus**'."*

Implicitamente, pode-se ver a questão da lei de causa e efeito sendo sugerida como causa da cegueira daquele homem. Concomitante a isso, temos também a questão da preexistência; porém, o mais importante a ser destacado nesse passo, é a pergunta dos discípulos, o que demonstra que uma pessoa, para vir como cega de nascença, teria que ter havido um pecado em uma vida anterior; por parte dela ou dos pais. Dessa forma, fica claro que acreditavam na reencarnação.

Se a cegueira fosse por conta do erro dos pais, então, estabelecer-se-ia um conflito com essa passagem: "*Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu próprio pecado.*" (Deuteronômio 24,16), portanto, fica claro que a justiça se estabelece com "*[...] a cada um segundo suas obras*" (Mateus 16,27).

Entretanto, Jesus afirma que, especificamente naquele caso, a cegueira não era por conta de pecado algum; porém, para que se manifestasse a glória de Deus. Diante disso, entendemos que esse homem aceitou a missão de nascer cego para que fosse curado por Jesus. Na sequência do episódio,

veremos esse cego colocando os fariseus contra a parede, o que, para nós, significa a confirmação de que estava mesmo em missão.

Em ***A Gênese***, Allan Kardec, apresenta-nos a hipótese de provação; senão vejamos:

> Esta pergunta dos discípulos: "*É pecado deste homem a causa de nascer cego*" **indica a intuição de uma existência anterior**. Caso contrário, não teria sentido, porque o pecado que seria a causa de uma enfermidade de nascença deveria ter sido cometido antes do nascimento e, por consequência, em uma existência anterior. **Se Jesus tivesse visto aí uma ideia falsa ele teria dito: "*Como esse homem teria podido pecar antes de estar entre nós?*"** Em lugar disso ele lhes disse que, se o homem é cego, não significa que tenha pecado, mas, a fim de que o poder de Deus brilhe nele; é como dizer que ele devia ser instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se isso não **era uma expiação do passado, é uma prova de que deveria servir o seu progresso**, porque **D**eus, que é justo, não poderia lhe impor um sofrimento sem compensação. ([70])

Fazem todo o sentido as considerações de

Allan Kardec acerca do fato de que, se Jesus considerasse falsa a ideia de que alguém poderia pecar antes de ter nascido, Ele a teria combatido. Como não fez isso, foi porque, de uma certa forma, Ele sancionou a lei da reencarnação, da qual os hebreus tinham algum conhecimento.

Novamente, vamos trazer Champlin e Bentes, que, ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5***, assim explicam esse passo:

> A despeito do fato de que havia uma esquisita noção judaica, segundo a qual julgava-se que um homem podia pecar; mesmo enquanto ainda estivesse no ventre de sua mãe, antes de seu nascimento físico, não é muito provável que os discípulos de Jesus tivessem em mente tal ideia, quando indagaram por que razão aquele homem já nascera cego. Mas **interrogavam a Jesus a respeito do karma, pois parece que eles compartilhavam dos pontos de vista farisaicos a respeito da reencarnação**. A resposta dada por Jesus, por sua vez, nem confirmou e nem negou essa possibilidade, mas meramente eliminou-a no tocante a esse incidente particular. Entretanto, é teologicamente significativo que aqueles que escreveram os primeiros documentos cristãos, sem importar se acreditavam ou não

> na ideia da reencarnação, por essa altura da vida de Jesus, não incorporaram o conceito no sistema soteriológico do Novo Testamento, quando do registro de seus livros. ([71])

Na sequência Champlin e Bentes voltam a citar o teólogo metodista e erudito bíblico britânico Adam Clarke (c1760-1832), autor de *Comentário sobre as Escrituras Sagradas*, em oito volumes, escrito entre 1810 e 1826, importante legado para os metodistas. ([72])

> Adam Clarke, ao comentar João 9:1-3, apresenta uma nota elaborada a respeito da reencarnação, conforme ela é concebida dentro de várias culturas. **Ele exprime a convicção de que essa era a ideia que rebrilhava por detrás daquela indagação dos discípulos.** E **cita Josefo** (*Ant*. b.xviii. c.1, s.3; e *Guerras dos Judeus*, b.ii, c.8, s. 14), **onde aquele autor judeu forneceu-nos alguns detalhes sobre os ensinos dos fariseus a respeito da ideia**. Clarke dá a entender que **o ensinamento deles era que as almas más descem diretamente para o inferno, mas que as almas boas recebem a permissão de se reencarnarem, a fim de pagarem dívidas e progredirem**. Seria uma espécie de recompensa, pois ofereceria uma

> oportunidade renovada. Com efeito, **a alma relativamente boa poderia voltar a este mundo**, o qual, para ela, tornar-se-ia uma espécie de purgatório, onde ela daria solução para problemas anteriores.
>
> A discussão exposta por Clarke também é interessante quanto a outros particulares. **Ele mostra como os antigos, incluindo os rabinos judeus, supunham que pecados específicos, em vidas anteriores, provocam problemas específicos em vidas sucessivas, reencarnadas**. Assim é que as dores de cabeça seriam uma punição contra aqueles que, em um estado anterior da existência, tenham falado com irreverência de seu pai ou de sua mãe; **a cegueira seria infligida aos anteriores matricidas**; e até mesmo as marcas no corpo eram consideradas indicações de algum pecado na alma. Essa crença também é comum entre alguns modernos advogados da ideia da reencarnação, tal como a sugestão, feita por Edgar Cayce, de que a tuberculose resultaria de uma exagerada atividade sexual em alguma vida anterior. Certos estudos, feitos através da regressão hipnótica, têm resultado em idêntica conclusão. ([73])

A opinião de Adam Clarke é muito importante dado que provém de um profitente do metodismo, que não advoga a reencarnação, ao contrário,

doutrinariamente a condena.

Se pela palavra de Deus (a Bíblia), como demonstrado, dá-nos informação de que Elias reencarnou como João Batista e que "*Deus não faz acepção de pessoas*" ([74]), então, somos levados a concluir, por força da lógica, que a reencarnação faz parte das leis de Deus, estando sujeita a ela todas as suas criaturas, porquanto valerá o princípio insofismável de que "Basta um único corvo branco para provar que nem todos são negros." (LOEFLLER, 2003)

2.4 – O diálogo de Nicodemos com Jesus

Finalmente, chegamos ao último passo bíblico do Novo Testamento relacionado à reencarnação.

> João 3,1-12: "*Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos. Era um judeu importante. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus, e disse: 'Rabi, sabemos que tu és um Mestre vindo da parte de Deus. Realmente, ninguém pode realizar os sinais que tu fazes, se Deus não está com ele'. Jesus respondeu: 'Eu garanto a você: se alguém não* ***nasce do alto****, não poderá ver o Reino de Deus'. Nicodemos disse: 'Como é que um homem pode* ***nascer de novo****, se já é velho? Poderá*

entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino de Deus, ***se não nasce da água e do Espírito****. Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito. Não se espante se eu digo que é preciso vocês* ***nascerem do alto****. O vento sopra onde quer, você ouve o barulho, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai. Acontece a mesma coisa com quem nasceu do Espírito'. Nicodemos perguntou: 'Como é que isso pode acontecer?' Jesus respondeu: 'Você é o mestre em Israel e não sabe essas coisas? Eu garanto a você: nós falamos aquilo que sabemos, e damos testemunho daquilo que vimos, mas, apesar disso, vocês não aceitam o nosso testemunho. Se vocês não acreditam quando eu falo sobre as coisas da terra, como poderão acreditar quando eu lhes falar das coisas do céu?'.”*

O grande problema nesse passo é em relação à tradução da palavra *Anóten* ou *ánothem,* que, em grego, pode significar “de novo” e “do alto”. Duplo sentido que não existe na língua de Jesus, conforme nos informam os tradutores da Bíblia de Jerusalém ([75]), que, inclusive, empregam somente o termo “de novo”.

Por isso, no texto deveria ser usado somente um desses significados; porém, foram utilizados os dois; certamente, com o objetivo de retirar desse texto qualquer ideia que pudesse levar a se crer na reencarnação.

No próprio texto temos a informação de que Nicodemos era um fariseu (João 3,1); fato importante, porquanto os dessa seita, conforme já demonstramos, acreditavam na reencarnação.

Isso fica claro quando ele retruca a Jesus dizendo: "*Como é que um homem pode* ***nascer de novo****, se já é velho?* ***Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer****?"* Vê-se, portanto, que ele, Nicodemos, acreditava na reencarnação; porém, não tinha a menor noção de como ela se processava; daí a razão dessas duas perguntas.

É comum referirem-se a esse passo como sendo Jesus falando sobre o batismo; entretanto, isso é puro dogmatismo, uma vez que o ritual de iniciação dos judeus era a circuncisão e não o batismo, que, diga-se de passagem, foi copiado de religiões pagãs.

O trecho “*ninguém pode entrar no Reino de Deus, **se não nascer da água e do Espírito**. Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito”* está justamente falando de coisas da Terra e não de um simbolismo que querem usar para fugir da ideia da reencarnação, quando dizem que “*nascer de novo*” relaciona-se a renovação espiritual.

Esse sentido que desejam dar é contrário ao que está escrito, pois a expressão “*de novo*” corresponde a “*novamente*” ou “*outra vez*”; ou seja, a repetição do mesmo ato ou fato, enquanto o sentido de “*renovação espiritual*” tem o de “*modo*” ou “*maneira*”.

Em relação a expressão “***vento sopra***”, vejamos em ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 2***, o que Carlos Torres Pastorino, explica:

> […] “o espírito age onde quer”. As traduções vulgares trazem “o vento sopra onde quer”. Ora, **a palavra *πνευμα* (pneuma)** é repetida no original cinco vezes nos quatro versículos (5, 6, 7 e 8). **Por que traduzir quatro vezes por ‘espírito’ e uma vez por ‘vento’?** Estranho … […]. ([76])

Observa-se que a mudança de “espírito” para “vento” foi feita com a intenção de esconder uma realidade da qual não querem nem ouvir falar. Infelizmente, poucos são os tradutores livres o suficiente para não imprimir nas traduções a sua crença teológica.

A seita dos fariseus

Falamos algumas vezes dos fariseus; vejamos que informações sobre a crença deles podemos encontrar no Novo Testamento. Somente em Atos dos Apóstolos é que se tem algo sobre o que acreditavam.

> Atos 23,6-8: *“A seguir, sabendo que uma parte dos presentes eram saduceus e a outra parte eram fariseus, Paulo exclamou no Sinédrio: 'Irmãos, eu sou fariseu e filho de fariseus. É por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado.' Apenas falou isso, armou-se um conflito entre fariseus e saduceus, e a assembleia se dividiu. De fato,* ***os saduceus dizem que não há ressurreição****, nem anjo, nem espírito, enquanto* ***os fariseus sustentam uma coisa e outra****.”*

Pelo que aqui se afirma os fariseus sustentavam a ressurreição; porém, conforme já vimos, eles, na verdade, acreditavam na reencarnação. Apenas para lembrar, visto esses

dados estarem mais ao início desse texto, retomamos as informações de Flávio Josefo, contidas em ***História dos Hebreus***:

> Eles julgam que as almas são imortais, que são julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo forem neste, viciosas ou virtuosas; que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida e que **outras voltam a esta**. ([77])
>
> Eles dizem também que as almas são imortais; que **as dos justos passam depois desta vida a outro corpo** e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre. ([78])

Então, aqui, mais uma vez, temos no texto bíblico o uso da palavra ressurreição com o significado de reencarnação.

O corpo da ressurreição será o espiritual

Visando demonstrar que a ressurreição, em um dos seus significados, é espiritual e não física, vamos, primeiramente, recorrer a Paulo de Tarso, que define qual será o corpo da ressurreição.

> 1 Coríntios 15,35-49: "***Todavia, alguém dirá: 'Como é que os mortos ressuscitam? Com que corpo voltarão***?' *Insensato! Aquilo que você semeia não volta à vida, a não ser que morra. E o que você semeia não é o corpo da futura planta que deve nascer, mas simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir,* ***Deus lhe dá corpo como quer: ele dá a cada uma das sementes o corpo que lhe é próprio****. Nenhuma carne é igual às outras: a carne dos homens é de um tipo, a dos animais é de outro, e de outro a dos pássaros e de outro ainda a dos peixes. Há corpos celestes e há corpos terrestres. O brilho dos celestes, porém, é diferente do brilho dos terrestres. Uma coisa é o brilho do sol, outra o brilho da lua, e outra o brilho das estrelas. E até de estrela para estrela há diferença de*

brilho. ***O mesmo acontece com a ressurreição dos mortos: o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível****; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força;* ***é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual****, pois a Escritura diz que Adão, o primeiro homem, tornou-se um ser vivo, mas o último Adão tornou-se espírito que dá a vida. Primeiro, não foi feito o corpo espiritual, mas o animal, e depois o espiritual. O primeiro homem foi tirado da terra é terrestre; o segundo homem vem do céu. O homem feito da terra foi o modelo dos homens terrestres; o homem do céu é o modelo dos homens celestes. E assim como trouxemos a imagem do homem terrestre, assim também traremos a imagem do homem celeste*."

O versículo 50, dessa carta de Paulo aos coríntios, será visto à frente, no próximo comentário.

É fantástica a comparação que Paulo faz do corpo da ressurreição. Primeiramente, ele argumenta que o corpo da semente que se lança ao solo não é o mesmo da planta que ela dá origem. Depois ele nos

faz lembrar que Deus dá um corpo apropriado a cada situação, é assim, por exemplo, que as aves têm um corpo diferente dos peixes e estes, por sua vez, dos seres que rastejam sobre a terra. Em razão disso, conclui que o corpo da ressurreição será outro: "*é semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual*". Assim, Paulo é quem desempata essa questão do corpo da ressurreição.

Ressuscitar no corpo físico, pode?

Para que as coisas fiquem bem claras, colocamos ainda essa questão, cuja resposta encontramos nos seguintes passos:

> Gênesis 3,19: "*Com o suor do teu rosto comerás o teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois* ***tu és pó e ao pó tornarás***."
>
> Eclesiastes 12,7: "E ***o pó volte à terra***, como o era, e ***o espírito volte a Deus,*** que o deu*."*
>
> João 4,24: "***Deus é espírito****, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade*."
>
> *João 6,63: "****O Espírito é que dá a vida, a carne não serve para nada.****"*
>
> 1 Coríntios 15,50: "*Eu lhes digo, irmãos, que* ***a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus****, nem a corrupção herdar a incorruptibilidade*."

O versículo final, que compõe o passo citado no tópico anterior, o último dos citados acima, diz

claramente que “*a carne e o sangue não podem receber em herança o Reino de Deus*”; portanto, afirma que o corpo físico não é o que teremos após a ressurreição.

Além disso, temos que, se “*Deus é espírito”*, nós, que fomos criados a sua semelhança, só podemos ser, na verdade, seres espirituais.

Por outro lado, se “*a carne não serve para nada*” o que faríamos com ela no plano espiritual, onde, certamente, teremos um corpo apropriado: corpo espiritual? Além disso, é da lei que “*o pó volte à terra*” e “*o espírito volte a Deus*”.

Tradutor, traidor

Dissemos que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia; e isso, até por motivos óbvios, acontece porque, conforme dito, ela só aparece em dicionários no ano de 1858, um ano após Allan Kardec publicar a primeira obra espírita: *O Livro dos Espíritos*. Entretanto, agora, podemos dizer que há outra palavra que significa reencarnação que está, sim, ou, melhor dizendo, deveria estar na Bíblia.

Mas por que não está? Simplesmente porque prevaleceu o ditado: “tradutor, traidor”. O estudioso bíblico Haroldo Dutra Dias, nos informa que “Há um antigo ditado na Itália que afirma ser o tradutor um traidor (*Traduttore, Traditore*).” ([79])

O nosso foco será o termo **palingenesia**, que, segundo os especialistas, aparece apenas por duas vezes na Bíblia: em Mateus 19;28 e em Tito 3,5. A nosso sentir é uma quantidade totalmente insignificante diante das 773.693 palavras existentes na Bíblia ([80]).

Em ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5***, os autores R. N. Champlin (1933-2018) e J. M. Bentes apresentam a seguinte definição:

> **PALINGENESIA**
>
> Essa palavra, transliteração do grego, *pálin*, “novamente”, e *génesis*, “nascimento”, **significa “novo nascimento”. Esse é um dos vários vocábulos usados para indicar a ideia da *reencarnação***. Frouxamente usado, **o termo pode significar qualquer tipo de regeneração** ou novo nascimento. A palavra equivale a regeneração, derivada do latim, *regenerare*. No seu uso científico, essa palavra indica a transformação ou metamorfose de certos insetos. ([81])

Pelo *Dicionário Bíblico Strong*, publicação da Sociedade Bíblica do Brasil, temos que paliggenesia significa “novo nascimento, reprodução, renovação, recreação, regeneração” ([82]).

Em ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 6***, o autor Carlos Torres Pastorino, foi professor de latim, grego e espanhol, ex-sacerdote católico que se tornou espírita, faz análise de certo evento

acontecido com Jesus, que se encontra registrado nos Evangelhos Sinópticos ([83]):

Mat. 19:23-30	**Marc. 10:23-31**	**Luc. 18:24-30**
23. Jesus, pois, disse a seus discípulos: "Em verdade vos digo que um rico entrará com dificuldade no reino dos céus.	23. Olhando em torno, disse Jesus a seus discípulos: “Como entrarão com dificuldade no reino dos céus os que têm riquezas”! 24. Os discípulos porém se horrorizaram com as palavras dele. Mas respondendo Jesus disse-lhes: “Filhos, como é difícil entrar no reino de Deus!	24. Vendo, então, Jesus que ele se tornara triste, disse: "Co-mo dificilmente os que têm riquezas entrarão no reino de Deus!
24. Novamente vos digo: mais fácil é um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus". 25. Ouvindo isso, os discípulos muito se chocaram e perguntaram: “quem pode, então, salvar-	25. É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus”. 26. Eles se chocaram terrivelmente, dizendo uns aos outros: “E quem poderá salvar-se”? 27. Olhando-os, Jesus dis-	25. Pois é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no rei no de Deus". 26. Disseram, então, os ouvintes: “E quem pode salvar-se”? 27. Ele disse: “O impossível entre os homens é possível

se”? 26. Olhando-os, porém, Jesus disse-lhes: “Aos homens isso é impossível, mas a Deus tudo é possível”. 27. Respondendo, então, Pedro disse-lhe: “Eis que nós abandonamos tudo e te seguimos; que, pois, será para nós”?	se: “Aos homens isso é impossível, mas não a Deus, pois tudo é possível a Deus”. 28. Começou Pedro a dizer-lhe: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos”.	para Deus”. 28. Disse Pedro, então: "Eis que deixamos nossas coisas e te seguimos...
28. Mas Jesus disse-lhes: "Em verdade vos digo, que vós, que me seguistes **na reencarnação**, cada vez que o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, sentareis também vós sobre doze tronos, discriminando as doze tribos de Israel.		(Durante a última ceia) Lucas 22,28-30: 28Vós sois os que permanecestes constantemente comigo em minhas tentações; 29também eu disponho para vós o Reino, como o meu Pai o dispôs para mim, 30a fim de que comais e bebais à minha mesa em meu Reino, e vos senteis em tronos para julgar as doze tribos de Israel. (*Bíblia de Jerusalém*)

29. E todo que tenha abandonado casas ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou esposa ou filhos ou campos por causa do meu nome, receberá o cêntuplo e participará da vida imanente.	29. Disse Jesus: "Em verdade vos digo, ninguém que tenha deixado casa ou irmãos ou irmãs ou mãe ou pai ou filhos ou terras, por minha causa e por causa da Boa Nova, 30. que não receba agora, nesta oportunidade, o cêntuplo de casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e campos, com perseguições, e no eon vindouro a vida imanente.	29. Então ele disse-lhes: “Em verdade vos digo que ninguém há que abandone casa ou esposa ou irmãos ou pais ou filhos por causa do reino de Deus, 30. que não receba muito mais nesta oportunidade e a vida imanente no eon vindouro”.
30. Muitos primeiros, porém, serão últimos, e últimos serão primeiros.”	31. Muitos primeiros, porém, serão últimos, e últimos serão primeiros”.	

Pastorino gravou o termo grego como *paliggenesía* e o verteu para o português como reencarnação. Ele é citado na maioria dos artigos espíritas que tratam da reencarnação na Bíblia, razão pela qual estarmos utilizando a sua tradução.

É interessante ver as várias vertentes em outras traduções para Mateus 19,28: a) “**no dia da regeneração**”: Barsa, Santuário, Paulinas (1957); b) “**na regeneração**”: Vozes, Shedd, SBTB, King James 1611, Mundo Cristão, SBB, c) “**quando as coisas forem renovadas**”: BJ – Paulus; d) “**no mundo renovado**”: Peregrino – Paulus; e) “**no dia da renovação do mundo**”: Ave-Maria; f) e) “**no mundo novo**”: Ed. Pastoral – Paulus; e g) “**na recriação**”: Novo Mundo.

Pode-se questionar se entre os judeus, aos quais o autor de Mateus pregava, existia a ideia corrente de uma regeneração ou renovação? Ao que sabemos, entre eles existia a crença na escatologia, termo que significa “*Doutrina que se dedica ao estudo das coisas que devem acontecer no final dos tempos (fim do mundo).*” ([84]) E aí, dentro do contexto de Mateus, por falar literalmente em julgamento, entendemos que a tradução mais coerente seria “regeneração”.

Fora a questão da diversidade das traduções, em nossa opinião, há algo muito mais importante. Observe, caro leitor, que o trecho realçado em

vermelho que aparece em Mateus, é desconhecido em Marcos, já em Lucas aparece fora do contexto que vemos em Mateus, ou seja, em um momento completamente diferente. Na narrativa dele, vemos Jesus prometendo aos doze discípulos a função de juízes que julgarão as doze tribos de Israel, em Lucas isso ocorre no relato da última ceia, trecho na cor azul, porém, em Mateus essa ceia em comemoração à Páscoa aparecerá em capítulo posterior ao estudado (Mateus 26,17-29). Curioso é o fato do autor de Lucas afirmar que se baseou em narrativas dos que foram testemunhas oculares, as quais diz ter investigado e dado como certas (Lucas 1,1-4).

Em ***Os Evangelhos Perdidos***, Bart D. Ehrman, informa:

> […] Muitos estudiosos acham que **Marcos** é nosso relato remanescente mais antigo sobre a vida de Jesus, escrito em algum momento entre **65 ou 70 d.C.**; que **Mateus e Lucas** foram produzidos dez ou quinze anos mais tarde, **possivelmente 80-85 d.C.**; […]. ([85])

Qual dos relatos é o verdadeiro: o de Lucas

que, além de ser fruto de investigação, é concordante com o de Marcos, ou será o de Mateus? Pode ser que estejamos enganados, mas o trecho desse último tem tudo para ser um acréscimo, feito por autor (es) e numa época que não temos como precisar.

Vale lembrar que o Evangelho de Mateus poderia estar relacionado a uma restauração da nação de Israel no período do juízo desta nação no momento da queda de Jerusalém em 70 d.C. para os romanos, que parece ser a profecia de Jesus proferida nessa ocasião aos apóstolos que juntamente com ele, dariam a cobrança do sangue dos profetas àquela geração (Mateus 23,34-36).

Vamos, a seguir, transcrevê-lo para destacar mais um ponto:

> *“28. Mas Jesus disse-lhes: ‘Em verdade vos digo, que vós,* ***que me seguistes na reencarnação****, cada vez que o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, sentareis também vós sobre doze tronos, discriminando as doze tribos de Israel.”*

O “*que me seguistes na reencarnação*” não se

ajusta ao contexto, até poderia fazer sentido caso fosse apenas "*que me seguistes*", excluído o termo reencarnação, ficaria assim:

> *"28. Mas Jesus disse-lhes: 'Em verdade vos digo, que vós,* ***que me seguistes****, [~~cada vez~~] que [quando] o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, sentareis também vós sobre doze tronos, discriminando as doze tribos de Israel."*

Para tornar a fala compreensível, foi preciso excluir o "cada vez" e acrescentar o "quando".

Julgamos, s.m.j., que o termo "reencarnação" no contexto é "peixe fora d'água", sem nenhuma justificativa plausível para ter sido usado.

Vejamos agora a passagem Tito 3,5, na qual também aparece a palavra *palingenesis* (palingenesia), definição grega para "novo nascimento" ou renascimento ([86]) que, simplesmente, foi traduzida de forma a não deixar margem à crença na reencarnação, que é exatamente o sentido do termo.

O teólogo Russell Norman Champlin confirma que a palavra usada em grego na passagem Tito 3,5

é mesmo *“paliggenesia”*, isto é, “novo nascimento” ([87]).

Vejamos como o teor desse versículo é encontrado nas Bíblias:

> “*Ele nos salvou, não por causa de quaisquer obras que nós mesmos tivéssemos praticado na justiça, mas em virtude da sua misericórdia,* ***pelo banho do novo nascimento*** *e da renovação que o Espírito Santo produz*.”
>
> “*Não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia, salvou-nos mediante* ***o batismo de regeneração*** *e de renovação do Espírito Santo.*”
>
> “*Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou* ***pela lavagem da regeneração*** *e da renovação do Espírito Santo.*”

Essas três versões, com pequenas variações, resumem o que encontramos nas diversas Bíblias pesquisadas.

Luiz Antônio Rucinski, autor da obra ***A reencarnação está na Bíblia… reencontrando o antigo ensinamento***, apresenta-nos a seguinte explicação:

[…] Vamos verificar o que Paulo nos ensina, em sua epístola a Tito.

Versão em Grego da época

"*ουκ εξ εργων των εν δικαιοσυνη ων εποιησαμεν ημεις αλλα κατα τον αυτου ελεον εσωσεν ημας δια λουτρου* ***παλιγγενεσιας*** *και ανακαινωσεως πνευματος αγιου" (Tito 3:5) Disponível no site <http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=teologia> Acesso em 23 de abr. 2006.*

Versão em Grego Transliterado

"*ouk ex ergwn twn en dikaiosunh wn epoihsamen hmeiv alla kata ton autou eleon eswsen hmav dia loutrou* ***paliggenesiav*** *kai anakainwsewv pneumatov agiou*." (Tito 3:5.) Disponível no site: <http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=biblia> Acesso em 12 jun. 2005.

A palavra que Paulo usou naqueles dias foi: παλιγγενεσιας que, traduzido para o grego transliterado, é: paliggenesiav. Em português, Palingenesia. ([88]) (grifo do original)

Um pouco mais à frente, completa Rucinski:

E como seria a tradução correta hoje, direto do grego para o português?

"*Não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia* **nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento** *de um espírito santo.*" (Versão correta). ([89]) (grifo do original)

Então, aquilo que deveria ser traduzido como palingenesia, ou seja, “*novo nascimento*” ou renascimento (=reencarnação) o foi como “*banho de novo nascimento*”, “*o batismo de regeneração*” e “*lavagem da regeneração*”, certamente, atendendo a interesses dogmáticos. Sabe o que é pior, caro leitor? É que sempre dizem, sem o menor constrangimento, que as traduções são fiéis aos originais. Pobre dos que acreditam neles!

Principais objeções dos biblicistas

Veremos agora as principais objeções que os antirreencarnacionistas sempre apresentam em defesa do seu ponto de vista de que a reencarnação não está na Bíblia. Não faremos nenhuma questão de citar as fontes, uma vez que o que nos importa são os argumentos, mas todos eles foram retirados da Internet. Para facilitar a identificação, estarão com a cor amarela como pano de fundo.

> Quando lhe perguntaram: “És tu Elias?”, ele respondeu desembaraçadamente: “NÃO SOU”. Parece que, se a reencarnação existe, João Batista foi um dos que nunca acreditou nela. João 1,19-21: “… As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: 'Quem é você?' João confessou e não negou. Ele confessou: 'Eu não sou o Messias'. Eles perguntaram: 'Então, quem é você? Elias?' **João disse: 'Não sou**'. Eles perguntaram: 'Você é o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'.

Talvez não saibam que o esquecimento do

passado é algo comum a todos os seres encarnados. Vejamos o que sobre isso se fala em ***O Livro dos Espíritos***:

> 392. Por que perde o Espírito encarnado a lembrança do seu passado?
>
> "Não pode o homem, nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em Sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. *Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si*." ([90])

Está aí a razão de ser do esquecimento do passado, que justifica o motivo pelo qual João não se lembrou da época em que viveu como Elias.

Em ***A Gênese***, cap. XI – Encarnação dos Espíritos, Allan Kardec tece mais explicações sobre isso:

> 20. Um fenômeno particular, igualmente registrado pela observação, acompanha sempre a encarnação do Espírito. **Preso ao laço fluídico** que o une ao embrião, **a perturbação se apodera dele, aumentando à medida que o laço se estreita e, nos últimos momentos, o Espírito perde a**

consciência de si mesmo, não sendo, jamais, testemunha consciente de seu nascimento. No momento em que a criança respira, o Espírito começa a recobrar suas faculdades, que se desenvolvem à medida que se formam e se consolidam os órgãos que servirão à sua manifestação.

21. Mas, ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, **perde a lembrança de seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente**; aptidões que haviam ficado, temporariamente, em estado latente e que, retomando sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que fizera antes. Ele renasce como se fiz por seu trabalho anterior; é para ele um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui ainda se manifesta a bondade do Criador, **porque a lembrança de um passado muitas vezes penoso ou humilhante, juntando-se às amarguras de sua nova existência, poderia perturbá-lo e criar-lhe impedimentos. Ele se lembra apenas do que aprendeu, porque lhe será útil.** Se, por vezes, conserva uma vaga intuição dos acontecimentos passados, é como a lembrança de um sonho fugidio. É um homem novo, qualquer que seja a idade do seu Espírito; adota novos modos de proceder, ajudado pelo que tenha adquirido. **Tão logo retorna à vida espiritual, seu passado desenrola a seus olhos e avalia se empregou bem ou mal o seu tempo**.

> 22. Por isso, não há solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. **O Espírito é sempre ele, antes, durante e depois da encarnação, pois ela é só uma fase especial de sua existência.** Esse **esquecimento ocorre apenas durante a vida exterior de relação. Durante o sono,** desprendido, em parte, dos liames carnais, restituído à liberdade e à vida espiritual, **o Espírito se lembra, pois que, então, já não tem a visão tão obscurecida pela matéria**. ([91])

Em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, cap. V – Bem-aventurados os aflitos, no tópico Esquecimento do passado, Allan Kardec argumenta:

> 11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, **a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais**.
>
> […].

> Aliás, **o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Volvendo à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado**; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.
>
> E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança dó passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, **mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores**; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar. ([92])

Essas explicações dão-nos as justificativas para que ocorra o esquecimento do passado e que isso só se dá na vida de relação, no período em que dormimos podemos acessar ao nosso arquivo mental, e, finalmente, quanto retornamos ao mundo

espiritual teremos acesso a tudo quanto nos interessa de nossas vidas anteriores.

Cabe-nos apenas essa pergunta: temos plena lembrança de todas coisas que nos aconteceram na vida atual, desde o instante do nosso nascimento até agora?

Em relação a João Batista, há esta intrigante declaração dele:

> João 3,27-28: *“Respondeu João:* ***O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada****. Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas* ***fui enviado como seu precursor.****”* (Bíblia Shedd)

Se do céu foi dada a João a missão de vir como precursor de Cristo, então, por absoluta lógica, podemos afirmar que João existia antes de nascer. Ora, isso é uma prova bíblica da preexistência da alma, ponto intimamente ligado à crença na reencarnação.

Por outro lado, se João não se lembrava de ter sido Elias, ao dizer “fui enviado como seu precursor”, demonstra que ele estava bem consciente de ter

recebido essa missão do céu, não é mesmo?

Ademais, não podemos nos esquecer de que quem afirmou que João Batista era Elias foi ninguém mais que o próprio Jesus. Aí cada um pode escolher dentre as duas opiniões – de João ou de Jesus – que tem mais valor para ele.

> Se Elias fosse João Batista reencarnado os espíritas entrariam em contradição com sua própria doutrina, veja: João nesta altura [transfiguração] já havia sido decapitado por Herodes, portanto estava morto. Kardec afirmou que “a reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo”.
>
> Como então, João Batista, apareceu no velho corpo na transfiguração? Não teria ele que aparecer (de acordo com a doutrina espírita) com o atual, da última reencarnação, isto é, com o corpo de João e não de Elias?

Vejamos novamente ***O Livro dos Espíritos***:

> 150.a) - Como comprova a alma a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?
>
> “Continua a ter um fluido que lhe é próprio,

haurido na atmosfera do seu planeta, **e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito**.” ([93])

Na ***Revista Espírita 1864*** e em ***O Livro dos Médiuns***, respectivamente, ainda temos:

> Os Espíritos que se tornam visíveis se apresentam, **quase sempre**, sob as aparências que tinham quando vivos, e que pode fazê-los reconhecer. ([94])

> Podendo tomar todas as aparências, **o Espírito se apresenta sob a que melhor o faça reconhecível**, se tal é o seu desejo. […]. ([95])

Em ***O Livro dos Médiuns,*** capítulo I – Da ação dos espíritos sobre a Matéria, item 56, lemos:

> […] Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível, donde resulta que a **forma que toma**, conquanto decalcada na do corpo, não é absoluta, **amolga-se à vontade do Espírito, que lhe pode dar a aparência que entenda**, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece invencível resistência.

> Livre desse obstáculo que o comprimia, **o perispírito** se dilata ou contrai, se transforma: **presta-se, numa palavra, a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que sobre ele atua**. Por efeito dessa propriedade do seu envoltório fluídico, é que **o Espírito que quer dar-se a conhecer pode, em sendo necessário, tomar a aparência exata que tinha quando vivo**, até mesmo com os acidentes corporais que possam constituir sinais para o reconhecerem. ([96])

Então, fica bem claro que um Espírito pode tomar a aparência que desejar, bastando para isso usar a sua vontade para, imediatamente, moldar seu perispírito naquela que lhe interessa se apresentar. Quanto mais evoluído o Espírito, maior a sua capacidade de produzir tal transformação.

> A Bíblia diz categoricamente que “Está ordenado ao homem morrer uma só vez vindo depois disto o juízo” (Hebreus 9,27). Não existem várias mortes, mas uma só.

A questão é que ao homem físico é destinado a morrer uma só vez, isso de fato acontece em cada uma de suas encarnações. O suporte para essa

conclusão, podemos tirar do teor deste passo já citado:

> Eclesiastes 12,7: "***E o pó volte à terra, como o era****, e o espírito volte a Deus, que o deu*."

A morte, portanto, é algo que só atinge o corpo físico; quanto ao Espírito, ele voltará a Deus e passará à sua condição de ser imortal, que não está sujeito à morte. Vale citar Flávio Josefo que, em ***História dos Hebreus***, disse algo que vem confirmar essa dualidade do ser humano:

> […] É verdade que nossos corpos são mortais, porque são feitos de uma matéria frágil e corruptível; mas nossas almas são imortais e participam de algum modo da natureza de Deus. […]. ([97])

Ademais, para que essa passagem fosse algo contra a reencarnação teria que ser dito: "**Está ordenado ao homem viver uma só vez…**", porque morrer mesmo, fisicamente, só morremos uma só vez e bem morrido.

Mais uma coisa: se "vindo depois disto o juízo",

ou seja, imediatamente após a morte vem o juízo, que nos expliquem então a necessidade do Juízo Final. Será que teremos dois julgamentos? Se formos condenados no primeiro, poderemos ser inocentados no segundo?

> Se a reencarnação é o ato ou efeito de reencarnar, pluralidade de existência com um só espírito, é evidente que um vivo não pode ser reencarnação de alguém que não morreu. Fica claro assim que João não era Elias já que Elias NÃO MORREU, como erroneamente querem fazer entender e com muita dificuldade os espíritas, tendo sido arrebatado vivo para Deus (2 Crônicas 2,11).

Além de negarem as afirmativas peremptórias de Jesus que "***É de João que a Escritura diz: "Eis que eu envio o meu mensageiro…***" (Mateus 11,10) e "***João é Elias que devia vir***" (Mateus 11,15) , ainda por cima apresentam a crença de que Elias teria sido arrebatado, cujo fundamento é contrário ao que consta nestes passos:

> "*Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu: o Filho do Homem.*" (João 3,13)
>
> "*Deus é Espírito.*" (João 4,24)

> “*O Espírito é que dá vida, a carne não serve para nada.*” (João 6,63)
>
> “*[...] a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus.*” (1 Coríntios 15,50)

Além disso, como se pode ver no passo, onde se narra o suposto arrebatamento de Elias ao céu, fica claro que, na verdade, acreditavam num arrebatamento para algum outro local, daí a razão pela qual os discípulos de Elias pedirem a Eliseu para o procurarem, conforme o segundo livro de Reis (2 Reis 2,11-17).

Vejamos mais de perto essa questão do suposto arrebatamento de Elias:

> 2 Reis 2,11: “*E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e* ***Elias subiu ao céu num redemoinho***.”
>
> 2 Reis 2,16-17: “*[...] entre os teus servos há cinquenta homens valentes. Deixa-os ir, pedimos-te, em busca do teu senhor;* ***pode ser que o Espírito do Senhor o tenha arrebatado e lançado nalgum monte, ou nalgum vale****. [...] enviaram cinquenta homens, que o buscaram três dias, porém não o acharam.*”

O teor desses passos deveria inviabilizar totalmente a crença de que Elias teria sido arrebatado; até mesmo por ser algo estranho, pois Jesus, que lhe era infinitamente superior, não o foi. Ademais, a ocorrência de um arrebatamento não quer, necessariamente, dizer que a pessoa foi para o "céu":

> Ezequiel 43,5: "*Então o espírito* ***me arrebatou e levou para o pátio interno****: [...]*."
>
> Atos 8,39: "*[...] o Espírito* ***arrebatou Filipe****, e o eunuco não o viu mais [...]* ***foi parar em Azoto****; [...]."*

Os dois personagens foram também arrebatados, porém, simplesmente para outro local.

O escritor Paulo Finotti, autor do livro intitulado ***Ressurreição***, dá-nos uma informação interessantíssima. Diz ele:

> […] Posteriormente, **a Bíblia informa que Jeorão recebeu uma carta de Elias** (II Crônicas, 21:12/15).
>
> Assim, quando Jeorão, rei de Judá, começou a reinar, já havia ocorrido o que está escrito em II Reis 2:11,12, e **se Elias**

ainda podia enviar uma carta ao rei Jeorão é porque, após a sua 'ascensão', continuava aqui na terra profetizando para o reino de Judá. ([98])

A passagem mencionada por Finotti é esta:

2 Crônicas 21,11-12: "*Ele [o rei Jeorão] fez também altos nos montes de Judá, induziu os habitantes de Jerusalém à idolatria e impeliu Judá a prevaricar.* ***Então lhe veio uma carta da parte de Elias, o profeta****, que dizia: Assim diz o Senhor, Deus de Davi teu pai: Porquanto não andaste nos caminhos de Jeosafá, teu pai, e nos caminhos de Asa, rei de Judá*."

Essas informações dão-nos a certeza de que Elias foi arrebatado para algum outro lugar e não para o "céu", como dogmaticamente se crê.

Quando vemos uma pessoa com as mesmas características de outra dizemos: este é um Pelé, um Picasso. Com isso não queremos dizer que um é a reencarnação do outro! Vejamos então as semelhanças entre o ministério de ambos:

ELIAS	JOÃO BATISTA
• Profetizou em	• Profetizou em

tempos de apostasia • Profetizou para aproximar o povo de Deus • Vestia-se com roupa de pele de ovelhas • Acabe (o rei) tinha medo de Elias • Jezabel pediu a vida de Elias • Pregava sobre o arrependimento e castigo	tempos de apostasia • Profetizou para aproximar o povo de Deus • Vestia-se com roupa de pele de ovelhas • Herodes tinha medo de Elias • Herodias pediu a vida de João • Pregava sobre o arrependimento e castigo

A comparação feita de alguém ser "**um** Pelé" e "**um** Picasso" não é a mesma coisa que dizer que alguém é "**o** Pelé" e "**o** Picasso", pois foi exatamente isso que Jesus disse de João Batista: "*Ele é* ***o Elias*** *que deve vir.*" (Mateus 11,15), teor da Bíblia de Jerusalém.

Ademais, vemos, em tantas semelhanças, justamente como algo que vem comprovar que João é mesmo Elias, numa nova reencarnação.

O "curioso" é que Elias mandou degolar 450 sacerdotes de Baal (deus da fertilidade e da vida) (1 Reis 18,19.22.40) e que João Batista morreu degolado por ordem de Herodes; assim, foi cumprida

a Lei de Ação e Reação, a respeito da qual mencionamos e apresentamos vários passos bíblicos que a sustentam: matou degolando, morreu degolado.

Conclusão

Geralmente, a crença de religiosos antireencarnacionistas é a do “céu e inferno”. Mas há algo interessante nisso; vejamos o resultado de uma pesquisa sobre esse tema. O Instituto Vox Populi, ao final de 2001, realizou uma pesquisa sobre a religiosidade dos brasileiros, por encomenda da ***Revista Veja***, objeto da reportagem “*Um povo que acredita”*, assinado por Jaime Klintowitz ([99]). Veja esses resultados:

Perguntas	Católicos	Evangélicos
Acreditam no diabo	44%	81%
Creem na vida eterna no Paraíso	84%	96%

A crença do diabo está intimamente ligada à do inferno. Entretanto, a maioria das pessoas não admite que irá para lá, concluiu o autor da reportagem:

> […] A pesquisa Vox Populi encontrou uma realidade surpreendente: muitos brasileiros (34%) acreditam que irão para o céu. Uns poucos, 11%, que passarão um período de penitência no purgatório. **Mas nem um só admitiu a possibilidade de ir para o inferno**. ([100])

Então a pergunta que não quer calar é: qual a sua utilidade prática, se ninguém admite ir para lá?

A nossa conclusão é de que por todos os dados que levantamos, e pelos textos bíblicos citados, somos levados a aceitar que a reencarnação está, sim, na Bíblia; porém, só para quem "tem olhos de ver". Deixamos bem claro, que não temos a pretensão de impor a ninguém essa nossa maneira de pensar, pois é direito natural de cada um acreditar no que quiser.

Vale a pena transcrever a citação que Dr. Hernani Guimarães faz de um pensamento de Ramacharaka, que, segundo informações do site ***Círculo de Estudos Ramacháraca*** (*sic*), trata-se de William Walker Atkinson (1862-1932):

> Aqueles que não despertaram para a

> verdade do “renascimento” não podem ser a isso forçados por argumentos, e aqueles que “creem” na verdade dele não necessitam de argumentos. Ramacharaka (*Indian Journal of Parapychological Research* – vol. 7, Ns. 1 a 4, 1965-66, p. 57) ([101])

Muitos dos argumentos aqui tratados já foram por nós utilizados em outros textos de nossa autoria, onde os temas são desenvolvidos com maior profundidade.

Recomendamos aos leitores que os leiam, para complementar tudo que aqui falamos. São eles, por ordem alfabética:

01 – A profecia sobre a volta de Elias se realizou?

02 – Comunicação com os mortos

03 – Jesus diz a Nicodemos: És mestre em Israel e ignoras essas coisas

04 – Jesus falou sobre a reencarnação?

05 – João Batista é mesmo Elias?

06 – Josefo, os fariseus e a reencarnação

07 – Moisés e a proibição de evocar os mortos

08 – O caso do arrebatamento de Elias

09 – O ritual do batismo

10 -- Os arrebatamentos de Henoc e de Elias

11 – Ressurreição ou reencarnação

12 – Ressurreição da carne? ([102])

Referências Bibliográficas

A Bíblia Anotada, 8ª edição. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, edição brasileira. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia King James 1611. 5ª edição. Rio de Janeiro: BF Books, 2020.

Bíblia Sagrada - SBB, Edição Revista e corrigida. Brasília, DF: SBB, 1969.

Bíblia Sagrada – Aparecida, 5ª edição. Aparecida (SP): Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada – Ave-Maria, 68ª edição. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada – Barsa, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada – Pastoral, Edição Pastoral, 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada – Paulinas, 9ª edição. São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada – SBTB, s/edição. São Paulo: SBTB, 1994.

Bíblia Sagrada – Vozes, 8ª edição. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH). Barueri (SP): SBB, 2000.

Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG. Baueri (SP): SBB, 2002.

TORÁ – A Lei de Moisés. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

ANDRADE, H. G. ***Você e a Reencarnação***. Bauru (SP): CEAC, 2002a.

ANDRADE, H. G. ***Parapsicologia: Uma Visão Panorâmica***. São Paulo: Fé Editora, 2002b.

BERG, P. S. ***Reencarnação, as Rodas da Alma***. São Paulo: Centro de Estudos da Cabala, 1998.

CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* – Vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2005.

CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* – Vol. 2**. São Paulo: Hagnos, 2005.

CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 5***. São Paulo: Hagnos, 2005.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. ***Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5***. São Paulo: Candeia, 1995.

ESPINOSA, B. ***Tratado Teológico-político***. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FINOTTI, P. ***Ressurreição***. São Paulo: Edigraf, 1972.

FREKE, T. e GANDY, P. ***Os Mistérios de Jesus: o Paganismo Oculto em Cristo***. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2002.

GIBSON, S. ***A Gruta de São João Batista***. Rio de Janeiro: Record, 2008.

EHRMAN, B. D. ***Evangelhos Perdidos***. Rio de Janeiro: Record, 2008.

HESSEN, J. ***Reencarnação: processo universal de aplicação da Justiça Divina***. *in. Reformador, nº 2095*. Rio de Janeiro: FEB, out/2003, p. 26-27.

JOSEFO, F. ***História dos Hebreus***. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

KARDEC, A. ***A Gênese***. São Paulo: FEAL, 2018.

KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 1982.

KARDEC, A. ***O Livro dos Espíritos***. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. ***O Livro dos Médiuns***. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

KARDEC, A. ***O que é o Espiritismo***. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1858***. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1862***. Sobradinho (DF): Edicel, 2014.

KARDEC, A. ***Revista Espírita 1864***. Araras (SP): IDE, 1993.

MEAD, G. R. S. ***Apolônio de Tiana***. Brasília: Esotérica, 2007.

MULLER, K. E. ***Reencarnação Baseada em Fatos***. São Paulo: Edicel, 1986.

PASTORINO, C. T. ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 2***. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964b.

PASTORINO, C. T. ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 3***. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964c.

PASTORINO, C. T. ***Sabedoria do Evangelho – Vol. 6***. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1969.

REBELO, V. e SILVEIRA, E. ***Conceitos do Judaísmo*** in. *Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo*, s/d, p. 23-24.

RUCINSKI, L. A. ***A Reencarnação Está na Bíblia… Reencontrando o Antigo Ensinamento***. Porto União (SC), 2006.

SELEEM, R. ***O Livro dos mortos do Antigo Egito***. São Paulo: Madras, 2003.

SILVA, S. C. ***Analisando as Traduções Bíblicas***. João Pessoa: Ideia, 2001.

SOUZA, J. P. ***Mitos Cristãos***. Divinópolis (MG): GEEC, 2007.

Periódicos:

Coleções Religiões do Mundo: Judaísmo, nº 04 (revista), São Paulo: Escala, s/d.

Revista Cristã de Espiritismo, nº 24, São Paulo: Escala, s/d.

Revista Veja, Editora Abril, edição de 19/12/2001.

Internet:

CEMITÉRIO PÈRE LACHAISE – Túmulo Allan Kardec: https://vivreparis.fr/wp-content/uploads/2019/10/tombe-allan-kardec.jpg. Acesso em: 04 jan. 2022.

COELHO, R. https://www.facebook.com/reginaldo.coelho.54390/posts/130049221594360, acesso em 22 ago. 2019.

CURIOSIDADES BÍBLICAS, disponível em: https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/curiosidades-biblicas/#:~:text=H%C3%A1%20na%20B%C3%ADblia%20773.693%20palavras,B%C3%ADblia%2C%20al%C3%A9m%20de%20outras%20curiosidades. Acesso em: 25 jan. 2023.

DIAS, H. D. *Traduttore, Traditore (Tradutor, Traidor).* Disponível pelo link: http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/estudo/traduttore.html, acesso em 14 fev. 2012.

DICIO – Dicionário Online de Português, *Escatologia*, disponível em: https://www.dicio.com.br/escatologia/. Acesso em: 25 jan. 2023.

NUNES, J. *A importância de Adam Clarke e o Comentário da Bíblia*, disponível em: https://pleno.news/fe/escola-dominical/a-importancia-de-adam-clarke-e-o-comentario-da-biblia.html, acesso em: 25 jan. 2023.

OLIVEIRA FILHO, A. O. *Palavra Reencarnação*, disponível em: http://www.oconsolador.com.br/ano9/425/oespiritismoresponde.html, acesso em: 03 abr. 2019.

PORTAL SÃO FRANCISCO, *História de Israel,* disponível em: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/historia-de-israel.php, acesso em 05 fev. 2012.

SILVA NETO SOBRINHO, *Alma dos Animais: estágio anterior da alma humana?,* disponível em: https://geec.mercadoshops.com.br/alma-dos-animais. Acesso em: 25 jan. 2023.

Site *Bíblia Católica Online*: http://www.bibliacatolica.com.br/09/2/34.php#ixzz1mRZJ2T8b, acesso em 15 fev. 2012.

Site C*írculo de Estudos Ramacháraca*: http://www.ramacharaca.com.br/autor.htm, acesso em 26 jan. 2012.

Site CNBB: http://www.cnbb.org.br/liturgia/app/user/user/UserView.php?ano=2011&mes=6&dia=24, acesso em 19 mar. 2012.

Dados biográficos do autor

Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (https://apologiaespirita.com.br/), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (https://paulosnetos.net) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa;* 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?;* 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas;* 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica;* 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação;* 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I;* 7) *Espiritismo e Aborto; e 8) Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III;* 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia;* 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem);* 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso;* 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?;* 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta;* 10) Chico Xavier e *Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?;* 11) *A Mulher na Bíblia;* 12) *Todos Nós Somos Médiuns?;* 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas;* 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito;* 15) *O Fim dos Tempos Está Próximo?;* 16) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves;* 17*) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?;* 18) *A Aura e os Chakras no Espiritismo;* 19) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida;* 21) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 22) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 23) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma;* 24) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina;* 25) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução;* 26) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas;* 27) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 28) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 29) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; e 30) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

1 Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.

2 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 712.

3 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p 259-260.

4 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p 287.

5 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 301-302.

6 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 36.

7 FREKE, e GANDY, *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo,* p. 20.

8 FREKE, e GANDY, *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*, p. 21.

9 A versão real dessa carta de João: “Porque três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam.”

10 MULLER, *Reencarnação Baseada em Fatos*, p. 19.

11 OLIVEIRA FILHO, *Palavra Reencarnação*, disponível em: http://www.oconsolador.com.br/ano9/425/oespiritismoresponde.html

12 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 339.

13 SILVA NETO SOBRINHO, *Alma dos Animais: estágio anterior da alma humana?,* disponível em: https://geec.mercadoshops.com.br/alma-dos-animais

14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 170-173.

15 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 22.

16 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 19.

17 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 21.

18 SELEEM, *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*, p. 57,100 e 103.

19 SELEEM, *O Livro dos mortos do Antigo Egito*, p. 14.

20 PORTAL SÃO FRANCISCO, *História de Israel*, disponível em: http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/israel/historia-de-israel.php

21 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 477.

22 HESSEN, *Reencarnação: processo universal de aplicação da Justiça Divina*, p. 26-27.

23 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*, p. 585.

24 SILVA, *Analisando as Traduções Bíblicas*, p. 159.

25 REBELO e SILVEIRA, *Conceitos do Judaísmo*, p. 23-24.

26 ANDRADE, *Você e a Reencarnaçã*o, p. 28.

27 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 416.

28 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*, p. 585.

29 Link: http://www.cnbb.org.br/liturgia/app/user/user/UserView.php?

30 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho*, vol. 3, p. 15.

31 Sobre o "castigo da culpa dos pais nos filhos, netos e bisnetos" ver também as passagens de Êxodo 20,5, Números 14,18 e Deuteronômio 5,9.

32 *TORÁ – A Lei de Moisés,* p. 266.

33 *Vulgata:* Tradução da Bíblia feita por S. Jerônimo entre 385 e 405 d.C., em parte dos originais gregos, hebraicos e aramaicos, em parte aproveitando traduções latinas anteriores. Chama-se "Vulgata" por ter sido traduzida para linguagem então falada pelo povo no Império Romano. Esta tradução tornou-se o texto que a Igreja Católica usa em seus documentos oficiais. [...]. (Bíblia Sagrada Vozes, p. 1539).

34 Site Bíblia Católica Online.

35 Bíblia Sagrada – Editora Vozes.

36 Uma prova desse costume se encontra nos *Atos dos Apóstolos*, cap. V, v. 5 e seguintes: “Ananias, tendo escutado essas palavras, caiu e encontrou o Espírito; e todos os que escutaram falar foram tomados de um grande medo. Logo, alguns jovens vieram tomar seu corpo e, tendo-o carregado, eles o enterraram. Aproximadamente três horas após, sua mulher (Safira), que não sabia o que estava acontecendo, chegando, entrou. E Pedro lhe disse..., etc. No mesmo instante, ela caiu a seus pés e encontrou o Espírito. Esses jovens homens, entrando, encontraram-na morta e, conduzindo-a, eles enterraram-na próximo de seu marido”. (Nota de Allan Kardec.)

37 Os dois casos de ressurreições citados são: Filha de Jairo e o filho da viúva de Naim.

38 O fato seguinte prova que a decomposição precede, por vezes, a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo padre Marin, capelão dos presídios para filhas arrependidas, encontrava-se uma jovem mulher que tinha experimentado os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio às suas dores, ela parecia sorrir ante uma celeste visão; como santa Teresa, ela pedia sofrer ainda; sua carne se ia em farrapos, gangrena ganhava seus membros. Por uma sábia providência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, imediatamente após o óbito. Coisa estranha! Mal ela deu o último suspiro e todo o trabalho de decomposição parou. As exalações cadavéricas cessaram. Durante 36 horas ela ficou exposta às preces e às venerações da comunidade. (Nota de Allan Kardec)

39 KARDEC, *A Gênese*, p. 333-334.

40 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 260.

41 ANDRADE, *Parapsicologia: uma visão panorâmica*, p. 45.

42 ESPINOSA, *Tratado Teológico-político*, p. 95.

43 ESPINOSA, *Tratado teológico-político*, p. 96.

44 ESPINOSA, *Tratado teológico-político*, p. 97.

45 FREKE e GANDY, *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*, p. 29.

46 FREKE e GANDY, *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*, p. 44.

47 FREKE e GANDY, *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*, p. 44.

48 FREKE e GANDY, *Os mistérios de Jesus: o paganismo oculto em Cristo*, p. 44.

49 MEAD, *Apolônio de Tiana*, p. 104.

50 MEAD, *Apolônio de Tiana*, p. 55.

51 MEAD, *Apolônio de Tiana*, p. 10.

52 GIBSON, *A gruta de São João Batista*, p. 146.

53 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – V*ol. 1, p. 91.

54 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – V*ol. 2, p. 443-444.

55 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 88.

56 Dicionário Prático Barsa, p. 86.

57 Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, p. 901.

58 Bíblia de Jerusalém, p. 1141.

59 Bíblia Sagrada – Editora Vozes, p. 1534.

60 Bíblia Sagrada – Paulinas, 1957.

61 Bíblia Sagrada – NTLH e SBB.

62 Reginaldo Coelho, de Maracanaú, Ceará, Brazil, https://www.facebook.com/reginaldo.coelho.54390/posts/130049221594360

63 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 924.

64 Mateus 3,1-5; Marcos 1,2-6 e Lucas 3,2-6.

65 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1, p. 286.

66 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. Vol. 1, p. 663.

67 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho. Vol. 3*, p. 16.

68 Ver também Mateus 16,13-14 e Marcos 8,27-28.

69 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*, p. 585.

70 KARDEC, *A Gênese*, p. 325-327.

71 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*, p. 585-586.

72 NUNES, *A importância de Adam Clarke e o Comentário da Bíblia*, disponível em: https://pleno.news/fe/escola-dominical/a-importancia-de-adam-clarke-e-o-comentario-da-biblia.html

73 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 5*, p. 586.

74 Atos 10,34; Romanos 2,11; Gálatas 2,6; Efésio 6,9; Colossenses 3,25; 1 Pedro 1,17.

75 Bíblia de Jerusalém, p. 1847.

76 PASTORINO, *Sabedoria Evangelho*, vol. 2, p. 3.

77 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 416.

78 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 556.

79 DIAS, s/d, Site *O Portal do Espírito.*

80 CURIOSIDADES BÍBLICAS, disponível em: https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/curiosidades-biblicas/#:~:text=H%C3%A1%20na%20B%C3%ADblia%20773.693%20palavras,B%C3%ADblia%2C%20al%C3%A9m%20de%20outras%20curiosidades.

81 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – Vol. 5*, p. 36.

82 DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG, *Paliggenesia*, p. 1664.

83 PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho. Vol. 6*, p. 84.

84 DICIO – Dicionário Online de Português, *Escatologia*, disponível em: https://www.dicio.com.br/escatologia/

85 EHRMAN, *Evangelhos Perdidos*, p. 43.

86 MULLER, *Reencarnação Baseada em Fatos*, p. 19.

87 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo*. Vol. 5, p. 439.

88 RUCINSKI, *A reencarnação está na Bíblia... reencontrando o antigo ensinamento*, p. 111.

89 RUCINSKI, *A reencarnação está na Bíblia... reencontrando o antigo ensinamento*, p. 116.

90 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 242.

91 KARDEC, *A Gênese*, p. 229-230.

92 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 108-110.

93 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 133.

94 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 108.

95 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 146.

96 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 81-82.

97 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 600.

98 FINOTTI, *Ressurreição*, p. 26-27.

99 Revista Veja, Edição de 19/12/2001, p. 125-129.

100 Revista Veja, Edição de 19/12/2001, p. 129.

101 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 139.

102 Todos estão disponíveis no site: http://www.paulosnetos.net